



PRACINHA GALLIANO CEI

DIÁRIO DE CAMPANHA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

EDIÇÃO DIGITAL COMEMORATIVA DO BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

GALLIANO CEI

PRACINHA GALLIANO CEI

DIÁRIO DE CAMPANHA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Organizadores:

TULIO ROBERTO CEI

GLAUCO MAURO CEI

JEFFERSON BIAJONE

1822

Edição Digital Comemorativa

BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

2022

Uma iniciativa de resgate, valorização e preservação da Memória e dos Feitos dos Ex-Combatentes da Amazônia da Segunda Guerra Mundial

pelas entidades



Sociedade Amigos do Exército
Belém/PA



Portal dos Ex-Combatentes
de Itapetininga/SP

No Bicentenário da Independência do Brasil 1822 - Soberania e Liberdade - 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, São Paulo - SP)

Cei, Galliano
Pracinha Galliano Cei [livro eletrônico] :
diário de campanha da segunda guerra mundial /
Galliano Cei. -- Itapetininga, SP : Gráfica
Regional, 2022.
PDF.

ISBN 978-65-994702-7-1

1. Brasil. Exército 2. Cei, Galliano
3. Combatentes - Biografia 4. Experiência de vida
5. Relatos pessoais 6. Segunda Guerra Mundial,
1942-1945 I. Título.

22-99614

CDD-940.548181

Índices para catálogo sistemático:

1. Pracinhas brasileiros : Segunda Guerra Mundial :
Narrativas pessoais : História 940.548181

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Sumário

	Página
1º Nota de Apresentação	
General de Exército João Chalella Junior Comandante Militar do Norte	05
2º Nota de Apresentação	
General de Divisão Otávio Rodrigues de Miranda Filho Comandante da 8º Região Militar	07
3º Nota de Apresentação	
Coronel Inf QEMA Hiarley Gonçalves Cruz Landim Comandante do 2º Batalhão de Infantaria de Selva	08
1º Nota de Introdução	
Tulio Roberto Cei	10
2º Nota de Introdução	
Glauco Mauro Cei	14
Prefaciadores Convidados	
Coronel Eng QEMA Cláudio Moreira Bento	16
Prof. Ms. Elton Vinicius Oliveira de Sousa	18
Prof. Dr. Hilton Pereira da Silva	20
Prof. Dr. Jefferson Biajone	23
Capítulo I	
Registros de n.º 1 a 5	30
7 de Setembro de 1942 a 4 de Dezembro de 1944	
Capítulo II	
Registros de n.º 6 a 12	34
23 de Dezembro de 1944 a 2 de Janeiro de 1945	
Capítulo III	
Registros de n.º 13 a 17	37
9 de Janeiro de 1945 a 5 de Fevereiro de 1945	
Capítulo IV	
Registros de n.º 18 a 26	39
7 de Fevereiro de 1945 a 22 de Fevereiro de 1945	

Capítulo V	
Registros de n.º 27 a 31	45
23 de Fevereiro de 1945 a 26 de Fevereiro de 1945	
Capítulo VI	
Registros de n.º 32 a 39	49
27 de Fevereiro de 1945 a 15 de Março de 1945	
Capítulo VII	
Registros de n.º 40 a 45	56
20 de Março de 1945 a 2 de Abril de 1945	
Capítulo VIII	
Registros de n.º 46 a 53	69
3 de Abril de 1945 a 14 de Abril de 1945	
Capítulo IX	
Registros de n.º 54 a 60	76
14 de Abril de 1945 a 29 de Abril de 1945	
Capítulo X	
Registros de n.º 61 a 82	83
1º de Maio de 1945 a 3 de Outubro de 1945	
Homenagem ao Pracinha da Amazônia	
2º Batalhão de Infantaria de Selva	95
3º Grupamento do Contingente da Amazônia	
com destino ao 5º Escalão da Força Expedicionária Brasileira	96
Referências	99



1º Apresentação do Diário de Campanha de Galliano Cei

Edição Digital Comemorativa do Bicentenário da Independência do Brasil

General de Exército João Chalella Junior (*)

A obra adiante não tem a preocupação com a objetividade acadêmica dos acontecimentos ou com o rigor literário, nem mesmo com a interpretação destes à luz de teorias científicas. Muito menos é um ensaio de história. Propôs-se o autor apenas a relatar fatos vivenciados por ele próprio e por outros pracinhas brasileiros - sobretudo daqueles oriundos da Amazônia – com quem ombreou durante a II Guerra Mundial. Daí o título ***Pracinha Galliano Cei: Diário de Campanha da Segunda Guerra Mundial*** (Gráfica Regional, 2022).



Mas, para quem não desconhece que todo texto se tece de memória, produzindo outras histórias tão ou mais verdadeiras, a agradável leitura do Diário de Campanha faz emergir de forma cristalina que não se tratam apenas de simples relatos que visem a enaltecer a nós, brasileiros, por sermos assim... sensíveis, honestos, trabalhadores, corajosos e perseverantes, como demonstraram ser os nossos soldados nos campos de batalha da Itália diante das situações mais difíceis e temerosas com que alguém pode defrontar-se. Pelas passagens, acontecimentos e casos narrados perpassa uma visão de mundo de fé e de esperança. Da crença que é preciso lutar contra o arbítrio, contra a tirania e a opressão. De esperança no homem que crê no homem e no seu poder de combater o mal. De solidariedade, mesmo em situações adversas e entre pessoas de diferentes origens, condições sociais e credos. Do respeito que deve reger as relações humanas. De tolerância, de paciência, de generosidade e de humildade.



favorecidos.

Foi esse o exemplo de vida legado por Galliano Cei aos seus filhos e que agora culmina, também, em sólidas e eternizadas lições às gerações seguintes de seus familiares e a todos os brasileiros. Acreditou ele no homem e no seu poder criador. Demonstrou profundo respeito pelo ser humano e acolheu a todos, especialmente os que lhe pareciam menos

Nascido no Pará e filho de imigrantes italianos, vindos para o Brasil no final do século XIX, atraídos pelos extrativismos da borracha e do pigmento carmim do arbusto mangue-vermelho, típico dos manguezais paraenses e utilizado para o tingimento do couro e de tecidos e, também, em medicamentos, quis o destino, bem como ele próprio, por seu voluntarismo e devoção às causas maiores, que retornasse ao solo pátrio de seus genitores para, então, lutar contra a ameaça da tirania nazifascista. Nas fileiras do Exército Brasileiro, mesmo nas situações mais duras, não esqueceu das lições sorvidas nos livros, que sempre o acompanhavam como se amigos prediletos fossem.



Os episódios narrados, densos pela própria natureza do tema, conseguem, contudo, apresentar, devido à inata e ímpar habilidade do autor, o lado humano da guerra. Extraem doçura e leveza de onde seria crível apenas encontrar agrura e aflição. São fatos registrados com a verve que lhe era peculiar. Neles lê-se a admiração pelo povo amazônico e o orgulho de ser brasileiro.

O leitor deste Diário de Campanha vislumbrará que suas páginas foram escritas por um homem que parecia nada temer. Otimista, acreditava no seu País, na sua gente, no entusiasmo que nos impele a nós, brasileiros, de continuarmos a lutar independentemente das dificuldades avante.

Sustentado por inabalável fé, que se fortaleceu durante toda sua trajetória, Galliano Cei deixou sete filhos que hoje continuam a sua luta nas universidades, empresas, escolas e hospitais.

Três deles, inspirados nas virtudes paternas, também, alcançaram, por seus méritos pessoais, o posto de oficiais combatentes temporários do Exército sendo incansáveis defensores dos valores castrenses como amálgama capaz de tornar a sociedade coesa, justa e solidamente estruturada em torno de sua célula-máter, a família.

Que a dignidade e os exemplos de altivez, esperança, amor ao próximo, tolerância e coragem do Pracinha Galliano Cei possam ser uma razão para converter os céticos, uma luz para guiar nossas vidas e um alimento que nutra a confiança daqueles que crêem na capacidade humana de contribuir para a construção de um mundo melhor para os nossos sucessores.

General de Exército João **Chalella** Junior
Comandante Militar do Norte – Belém/PA

2º Apresentação do Diário de Campanha de Galliano Cei

Edição Digital Comemorativa do Bicentenário da Independência do Brasil

Muito já se escreveu sobre a Força Expedicionária Brasileira e sua atuação no Teatro de Operações da Itália. Temos registros preciosos daqueles acontecimentos nas biografias dos principais líderes militares que deles participaram como Castelo Branco, para citar apenas um exemplo.

Contudo, quando lemos as anotações feitas pelo pracinha Galliano Cei em seu Diário de Campanha da 2ª Guerra Mundial, passamos a compreender aquele evento histórico sob uma ótica única, desconhecida da maioria do público, um olhar de soldado.

Galliano Cei consegue captar e transmitir para a posteridade, como uma imagem gravada por uma câmera fotográfica, que permite a cada observador valorizar mais este ou aquele ângulo, um olhar, um traje, a sua visão e percepção pessoal da guerra, desde a notícia da convocação e da ansiedade que se segue, até o retorno triunfante, deixando transparecer, de modo vívido, o sentimento de perda da liberdade e dos amplos espaços, ao final da campanha, na desmobilização ainda em solo italiano.

Trata-se de obra cativante e de fácil leitura, por sua objetividade dura, como dura é a guerra, permeada por uma sensibilidade tocante, ao descrever os detalhes da longa travessia, do batismo de fogo, da determinação do povo italiano em expulsar o invasor germânico e da têmpera de aço dos nossos pracinhas, que transformavam em motivação e razão de competição ser a primeira tropa a romper o ferrolho alemão, abrindo caminho pela Rota 64, rumo ao Vale do Pó, e à vitória final sobre os alemães em solo italiano.

Nos lança uma nova visão sobre a rendição da 148ª Divisão Alemã, ratificando o que se conhece daquele momento histórico e ampliando nossa compreensão daquele evento, ao descrever as reações dos próprios pracinhas e, particularmente, do soldado alemão que se rendia ao soldado brasileiro.

Ao final, a euforia da chegada.

O reconhecimento de uma nação agradecida aos seus pracinhas, cujos feitos nos enchem de orgulho até os dias de hoje. Parabéns aos irmãos Cei pela belíssima iniciativa, que a um só tempo honra a memória do pai e lega para as gerações vindouras um relato de coragem, desprendimento, resiliência e da capacidade de adaptação do soldado brasileiro.

É uma obra para ser lida em nossas Escolas e Academias, em nossos quartéis e Centros de Formação da Reserva, por sua objetividade, simplicidade e valores que encerra em suas páginas, as quais descrevem, com precisão, o caráter e o valor do Soldado brasileiro.

General de Divisão Otávio Rodrigues de **Miranda Filho**
Comandante da 8º Região Militar – Belém/PA

3º Apresentação do Diário de Campanha de Galliano Cei

Edição Digital Comemorativa do Bicentenário da Independência do Brasil

Extremamente honrado e agradecido é que na função de Comandante do 2º Batalhão de Infantaria de Selva, antigo 26º Batalhão de Caçadores, último refúgio de todos os pracinhas da amazônia brasileira antes de seguirem para o apronto final, na Guarnição da Vila Militar, no Rio de Janeiro, prefacio está obra primorosa de um verdadeiro herói nacional.

Ao longo de toda minha vida estudantil e profissional já li muito sobre a 2ª Guerra Mundial e a participação da nossa resiliente e vitoriosa Força Expedicionária Brasileira (FEB).

De biografias aos feitos heróicos, das estratégias de guerra às lições aprendidas das operações militares, culminando com a evolução da arte da guerra, muito foi escrito e registrado. A história militar terrestre brasileira está repleta de obras espetaculares sobre esse importante período da história nacional e do Exército Brasileiro.

Contudo, este diário de viagem de um expedicionário vem somar riqueza de detalhes da natureza humana, do olhar e das percepções de um soldado da FEB diante de um incerto porvir, perante o desconhecido dos campos de batalha europeus.

O Pracinha Galliano Cei descreveu com maestria e precisão os mais importantes momentos de sua extraordinária aventura, descobrindo bem cedo a sua verdadeira vocação de soldado ao registrar que existiam motivos para deixá-lo triste, mas ao contrário, sentia-se “vivo nesta anarquia, quase indiferente” e “à vontade no sofrimento! Nasci para ser soldado...”.

A descrição dos dias em que permaneceu aquartelado nas instalações do 26º Batalhão de Caçadores retrata um ambiente espartano, mas de extrema união entre os convocados, que tiveram a oportunidade do reencontro com antigos camaradas e de conhecerem novos companheiros chamados ao mesmo dever de servir à pátria.

O diário nos brinda com detalhes do dia a dia de uma intensa jornada, permeada de dificuldades, mas também de momentos aprazíveis e de contemplação. Os registros são fidedignos à alma do escritor que jamais escondeu a satisfação de estar à serviço de sua pátria, ajudando no que fosse necessário para facilitar a vida de seus camaradas em solo italiano. A leitura nos prende e nos transporta para o local da cena descrita, tão ricas e eloquentes estão as descrições e sentimentos traduzidos em palavras.

A dinâmica da guerra e seus bastidores, os detalhes das operações e as descrições aguçadas de importantes personagens, trazendo, por vezes, traços de suas personalidades e de suas características pessoais no cumprimento de

suas funções, são ingredientes que agregam ainda mais valor histórico a esses registros.

O testemunho da ofensiva da FEB e as conquistas mais memoráveis dos nossos pracinhas, como a de Montese, também estão registrados e evidenciam a observação atenta e cuidadosa do Pracinha Cei, que registrou passo a passo toda a sequência das ações desenvolvidas pelas tropas envolvidas na operação, seus sucessos e contratemplos. Nada escapou da apurada capacidade de colocar em palavras os acontecimentos e agruras da guerra.

A literatura sobre a FEB ganha uma obra prima, com valor imensurável pela simplicidade e sinceridade das palavras nela registradas.

O Pracinha Galliano Cei conseguiu guardar uma bela memória de seus dias na Itália e, talvez, não tivesse ideia do legado histórico que produziu, sendo eternizado nessa obra.

No ano do Bicentenário da Independência da República Federativa do Brasil e no ano em que o Batalhão Pedro Teixeira completa 180 anos de existência, essa passagem histórica de abrigar todos os Pracinhas da Amazônia em suas instalações não poderia ter sido melhor registrada.

Obrigado aos idealizadores e organizadores dessa obra.

Ao tornarem público este diário pessoal, que tive o privilégio de manusear os escritos originais, do nosso héroi Galliano Cei, os senhores contribuem sobremaneira para a edificação de um dos mais belos e desafiadores feitos do Exército Brasileiro, por meio de sua Força Expedicionária, no teatro de operações Italiano.

Uma excelente leitura a todos!

Coronel Inf QEMA Hiarley Gonçalves Cruz **Landim**
Comandante do 2º Batalhão de Infantaria de Selva
“Batalhão Pedro Teixeira” (Antigo 26º Batalhão de Caçadores).

1º Nota de Introdução ao Diário de Campanha

Edição Digital Comemorativa do Bicentenário da Independência do Brasil

Tulio Roberto Cei (*)

Após retornar de sua última viagem à Itália em 1990, que eu tive o privilégio de acompanhar, o meu Pai, Mestre e Amigo Galliano Cei, já com a saúde abalada e prevendo o limite do tempo de sua presença humana entre nós aproximar-se, com alguns filhos e netos já morando em outros estados, ele iniciou um relato histórico de todo o passado de nossa família até aquele momento.

Galliano Cei concluiu este relato em torno do ano de 1997, intitulado-o: **A SAGA DOS CEI**, onde há um capítulo em que relata a sua trajetória vivida durante a Segunda Guerra Mundial, conteúdo que subsidia este livro na sua edição digital comemorativa do Bicentenário da Independência do Brasil.

Galliano Cei nasceu em 25 de abril de 1921 em Santa Maria de Belém do Grão Pará, recebeu, o nome de seu tio Galliano Cei, italiano, que faleceu acometido com meningite em 28 de fevereiro de 1919.

Sua Avó, Ricarda Cei, retorna para Itália, e, em 1925, o novo Galliano Cei é levado por sua mãe até Santa Maria Del Giudice, nos apeninos italianos, simbolicamente, como sendo a devolução a ela do filho que o Brasil lhe havia tirado.

Lá Galliano cresceu, estudou, trabalhou até o ano de 1939, quando na iminência do início da Guerra, e, já determinado a lutar unido com a família, que já resistia ao fascismo, determinou-se a voltar ao Brasil para, antes de ir para o combate, conhecer pessoalmente, seus pais e irmãos que, nos anos 30, só conseguia manter contato com eles através de cartas e fotos.

Em 1939, a possibilidade de o Brasil participar do conflito que ainda não havia começado, era considerado remota, sendo nossa nação um abrigo para diversos povos europeus e asiáticos.

Em 15 de dezembro de 1942, como brasileiro nato, Galliano Cei foi incorporado ao Exército Brasileiro, cumprindo o serviço militar e, em 31 de outubro de 1944, foi compor a reserva mobilizável. Em dezembro de 1944, foi incorporado ao 26º Batalhão de Caçadores (atual 2º BIS), para lutar na Europa pelo Brasil.

No início dos anos 40, a Malásia e a Amazônia Brasileira, eram as únicas fontes de produção de borracha que eram indispensáveis para a fabricação pneus. Com a Malásia ocupada pelos japoneses, restava aos aliados, como fonte de suprimento de material rodante, a Amazônia, fato que transformou as saídas de nossos navios, em alvos prioritários dos submarinos alemães, tendo

sido afundados 4 navios que saíram do porto de Belém, sendo que as informações das partidas desses navios, eram transmitidas por espiões alemães, filhos de alemães, que após descobertos e presos, induziu ao Ministério da Guerra a desincorporar os militares brasileiros convocados, que fossem filhos de famílias que pertenciam ao Eixo (Alemanha, Itália e Japão), decisão ocorrida durante o período que Galliano Cei já estava incorporado ao Exército Brasileiro.

Em consequência dessa decisão, no Rio de Janeiro os capitães do Exército Brasileiro Ernesto Geisel e Orlando Geisel, que já estavam com suas unidades, incorporados à Força Expedicionária Brasileira (FEB), tiveram que retornar ao Rio Grande do Sul, pois foram desmobilizados e o soldado Galliano Cei, filho de Italianos e criado na Itália, foi mantido como uma espécie de salvo conduto e seguiu com os brasileiros até o Rio e de lá até a Itália.

Seu empenho e desempenho como soldado brasileiro, está muito solidamente relatado no livro a seguir, com o reconhecimento de todos os seus comandantes, colegas paraenses e amazônidas, com quem ele compartilhou os combates contra as tropas alemães nos Apeninos italianos.

Mesmo não citando em seu diário, o fato de Galliano Cei estar operando na região em que foi criado, conhecendo seus habitantes e seus posicionamentos políticos os que eram contra e os que eram a favor dos aliados, criado como montanhês, no frio e na neve, conhecendo acessos alternativos e inúmeros bizús, tornou-se uma referência operacional entre seus pares e comandantes, pois os amazônidas criados no calor e na umidade, desconheciam o ambiente montanhês e valeram-se desses bizús para sobreviverem e mitigarem os efeitos físicos do meio ambiente e permitindo, inclusive uma excepcional aproximação com a população italiana local.

Tendo um de seus avôs combatido em guerra européia e seu pai na primeira guerra mundial, e, ele mesmo, lutado na 2ª Guerra Mundial, empenhou-se para que seus filhos estivessem preparados para lutarem, porque segundo ele, mesmo na paz e na improbabilidade de uma guerra ou de um conflito, cada um de nós deverá estar sempre pronto para lutar e vencer.

De volta ao Brasil, casou-se em 1949 e, decorrente dessa veia guerreira da família, três filhos e dois netos seus são oficiais R/2 formados no nosso Núcleo Preparatório de Oficiais da Reserva (NPOR) de Belém, sediado em nossa Eterna Escola, o querido 2º Batalhão de Infantaria de Selva, o 2º BIS, são eles: Olinto Cei em 1969, Tulio Cei em 1977, Glauco Cei em 1979, Renzo Cei em 2008 e Ricciardo Cei em 2009.

Galliano Cei, empresário muito bem sucedido no comércio de alimentos e agroindústria, no Pará, foi um dos fundadores da Associação dos Ex-Combatentes – Secção do Pará (AECB-PA), empregou e apoiou inúmeros colegas seus e seus familiares, desfilava anualmente em todo 7 de setembro.

Os Oficiais ex-combatentes, sempre lhe concediam o privilégio de ser o porta bandeira do Brasil, como reconhecimento pelo significado tão positivo de sua atuação entre seus pares, antes, durante e após a guerra.

Este livro é um testemunho de como o Exército Brasileiro, ao longo desses anos e gerações, sempre foi e permanece sendo, um modelo de preservação e potencialização de valores, de acolhimento dos brasileiros, cultivando e perpetuando amizades ao longo das vidas de todos que tiveram a honra de pertencer às suas fileiras, em todos os níveis.

Inspirados por seu exemplo e acolhidos no Exército Brasileiro por excelentes exemplos de diferentes gerações de profissionais que nos comandaram, as gerações seguintes confraternizam-se anualmente com suas turmas e também, com a participação e apoio de veteranos de inúmeras outras turmas, fundaram em 2008 a AORE – Belém – Associação dos Oficiais da Reserva do Exército, que tive a honra de ser seu primeiro Presidente.

O Exército Brasileiro mantém e merece ter, uma indiscutível e extraordinária credibilidade ao longo da sua tri secular história, em toda a sociedade brasileira, e, para captar o público de brasileiros que não tiveram oportunidade de cerrarem em suas fileiras e que nutrem profunda admiração pela instituição, surgiu, sucedendo a SAREM – Sociedade dos Amigos da Região Militar, a atual SOAMEX – Sociedade dos Amigos do Exército, que tenho a honra de estar presidindo.

Outrossim, agradeço profundamente as personalidades a seguir que colaboraram para realização deste livro, com suas respectivas entidades

Gen Ex João Chalella Júnior (CMN)

Gen Div Otávio Rodrigues Miranda Filho (8º RM)

Cel Inf Hiarlley Gonçalves Cruz Landim (2º BIS)

Cel Eng Cláudio Moreira Bento (AHIMTB-RJ/Resende)

Ex-Combatente Antônio Batista de Miranda – in memoriam – (AECB-PA)

Prof. Dr. Hilton Pereira da Silva (IHGP e UFPA)

Prof. Ms. Elton Vinícius Oliveira de Souza (UFPA)

Prof. Dr. Jefferson Biajone (Portal Ex-Cmb Itape)

E a Sociedade Amigos do Exército – Belém do Pará (SOAMEX)

Inúmeros oficiais e monitores fizeram parte do preparo de todas essas gerações, não caberia espaço para nominá-los todos, portanto, relacionarei apenas aqueles que atuaram diretamente nessas gerações e alguns que ainda permanecem atuando, os hoje:

Coronel Peixe Agulha – que recebeu meu pai no 35º BC em 1943;
Coronel Dalter Queiróz Maia – Comandante do NPOR do 2º BIS nos anos de 1969 e 1979, tendo sido o comandante de meus irmãos;
Coronel Fernando Carlos Wanderley Rocha – Comandante do NPOR do 2º BIS em 1977 e meu Mestre;
Coronel André Luiz Rodrigues Garcia – Comandante do NPOR do 2º BIS nos anos de 2008 e 2009, Mestre de meus filhos.

Agradecemos também a toda a família de Galliano Cei, seus irmãos, filhos, netos, bisnetos, afilhados, sobrinhos, primos, que juntos continuamos no Brasil, construindo e preservando nossos valores e nossas famílias.

Por fim agradeço a meus filhos Renzo Cei e Ricciardo Cei que, também são veteranos das fileiras de nosso Exército Brasileiro.

Só nas formaturas dos Senhores, pude perceber o quanto o Vosso Nonno Galliano Cei, ficaria feliz e realizado, em estar presente na entrega de suas espadas, como estive na formatura de seus três filhos.

Agradeço a Deus a oportunidade que me foi conferida de dispor do ser humano, pai (Babbo), Mestre, Conselheiro e grande Amigo, Exemplo e fonte de motivação e muita inspiração.

Este livro relata apenas um dos mais importantes pontos da vida e da história de Galliano Cei.

(*) Presidente da Sociedade Amigos do Exército.
Empresário e Engenheiro Civil e de Segurança do Trabalho.

2º Nota de Introdução ao Diário de Campanha

Edição Digital Comemorativa do Bicentenário da Independência do Brasil

Glauco Mauro Cei (*)

Para alcançar a profundidade dos relatos de Galliano Cei, é indispensável considerar os fatos marcantes, a seguir:

Um homem que teve o destino modificado, muitas vezes: nasceu no Brasil, foi para a Itália, ainda muito pequeno (tres anos); sua formação ocorreu na região (Toscana), com muita tradição e conservadorismo; seguindo esses conceitos, aprendeu a falar e viver, uma cultura totalmente diferente da sua terra natal; era alegre, cresceu, traçou planos de vida, gostava de música, operas, cinema, enfim; já estava consolidando seus horizontes, inclusive quase matriculado na Universidade de Pisa; quando surgiu uma divergência entre o Governo da Itália, à época (Mussolini), e seu pai Alfredo Cei (Morava no Brasil), herói da 1º Guerra Mundial, que teve seu enforcamento decretado, caso retornasse a Itália, por uma falsa acusação de conspiração; escreveu para o filho (Galliano), então com 19 anos que viesse para o Brasil, resumindo a carta na seguinte frase: “Se este governo da Itália, me acusa de conspiração, justo eu que fui combatente na 1º Guerra, e meu pai que lutou na Guerra da Criméia, pelo então reino de Itália, não merece que permaneças ai até que mude o Governo”; ao chegar ao Brasil (Belém-PA), teve que aprender uma nova língua, nova cultura, novos costumes, clima totalmente diferente da Toscana, apesar de Belém, devido aos áureos tempos da Borracha, ainda tinha muitos traços de cidade Europeia; na regularização de sua situação, serviu ao Exército Brasileiro, como soldado, sem pleno domínio de sua língua natal, tudo aquilo que acreditava e pensava em fazer, teve que se adaptar a uma nova circunstância; terminado o serviço Militar foi morar com a família, onde aproveitava para cavalgar, quando já estava habituado a essa nova fase; surge a entrada do Brasil na 2º Guerra Mundial, foi convocado na primeira leva, no caminho para o Rio de Janeiro, teve contato com outras culturas do Brasil (o navio ia de porto em porto no Nordeste até o Rio de Janeiro arrecadando reservistas), ficou surpreso em descobrir, que aqueles Brasileiros, vindos do interior (ribeirinhos e sertanejos), não tinham quase nenhum contato, com o resto do País, (não havia estradas e a ligação era só pelo litoral); alguns nem sabiam quem era o presidente da República, estavam em busca de aventura (jovens), e de um novo futuro; eram rudes, mas, não brutos, chegavam a ser até ingênuos sobre o mundo, ao falar sobre o mundo que Galliano conhecia; uns achavam graça, sem acreditar no que ouviam, outros curiosos em ver um

Brasileiro diferente; os que já o conheciam (serviço Militar), o defendiam, tudo sem agressões ou violência; ouviu músicas e sons diferentes, muitas vezes se assustava com os relatos, que ouvia. Era um Brasil diferente; ao chegar no Rio, foi selecionado por falar fluentemente Italiano e outros dialetos da região, ao chegar na Itália (Toscana), serviu na área de inteligência, sob o Major Del Corona, (neto de italianos), e também, supervisionado pelo oficial de ligação com o Exército Americano o Capitão Vernon Walters; pelo conhecimento da região e línguas, fazia observações e foi tradutor de prisioneiros; em suas folgas, procurava visitar lugares conhecidos, parentes e amigos, muitos desaparecidos pela Guerra ou fuzilados como “partigiano” esse fato marcou muito sua vida; dali decidiu que não voltaria para a Itália, ao retornar ao Brasil; estava com vários planos: continuar no Exército, Ir para São Paulo ou migrar para os Estados Unidos; de novo seu destino mudou, seu pai faleceu e ele voltou ao Pará; onde construiu sua vida e família, tornando-se um empresário de sucesso. O interessante disso tudo, é que nunca vi reclamações ou lamentos, de tudo que tinha passado, bem verdade era fechado, sisudo, sua alegria da juventude sumiu (relatos de Líria sua irmã, nascida e criada no Brasil); tinha uma cultura fenomenal. Um patriota como poucos, amava o Brasil, todo 7 de setembro, fazia questão de desfilar com suas medalhas e levar a Bandeira Nacional, comprou ternos para companheiros carentes desfilar, ajudou financeiramente muito deles, buscou um jazigo, para que os ex-combatentes não fossem enterrados como indigentes, procurou ajudar seus companheiros de luta, foi um dos fundadores da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – Secção Pará, participava ativamente das reuniões, não admitia que questionassem o trabalho dos pracinhas, ficava indignado com o tratamento dispensado aqueles heróis de Guerra, tinha a Bandeira Nacional, em seus empreendimentos, chegou a pintar a residência de Verde e Amarelo.

Enfim, um ser humano notável, sua descrição sobre a guerra, era uma boa observação, sobre as diversas culturas com que conviveu, pouco antes de morrer, tínhamos combinado se escrever, sobre os diversos tipos de pessoas que conheceu, e seus sonhos; a Guerra, sem sombra de dúvidas, foi sua mais marcante passagem, nunca deixou de ler livros; principalmente pensadores, poetas; continuou a ouvir músicas (sempre aos domingos), com ele aprendemos que conhecimento e cultura nunca é demais.

Esse era Galliano Cei, um Homem além de seu tempo; um Brasileiro como poucos, meu pai

(*) Empresário e Presidente da Sociedade Amigos da Marinha – Macapá/AP.

Prefaciador Convidado do Diário de Campanha

Edição Digital Comemorativa do Bicentenário da Independência do Brasil

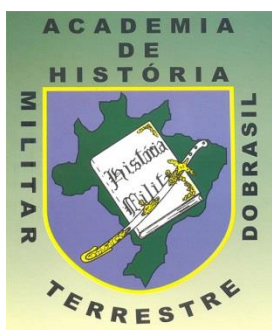
Cláudio Moreira Bento (*)

Muito honrado é que prefacio o livro ***Pracinha Galliano Cei: Diário de Campanha da Segunda Guerra Mundial*** (2022) nesta sua edição digital comemorativa do Bicentenário da Independência do Brasil.

Desde os 13 anos, como aluno pensionista do Ginásio Gonzaga em Pelotas/RS, entrei em contato com a Força Expedicionária Brasileira (FEB), através de sua bela canção, ao integrar coro de alunos para aprendê-la, tendo em vista a recepção que um Irmão Lassalista faria de seu irmão, sargento da FEB, retornando vitorioso ao Brasil.

E daí por diante, tratar da FEB foi uma constante.

E sobre o assunto, vir a publicar três livros importantes:



A participação das Forças Armadas do Brasil e de sua Marinha Mercante na 2ª Guerra Mundial

Os 68 sargentos mortos em Operações de Guerra na FEB

A Saga da Marinha Mercante do Brasil na Segunda Guerra Mundial



Livros disponíveis para serem acessados em Livros e Plaquetas no Portal da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) em Resende/RJ – Marechal Mário Travassos – em <http://www.ahimtb.org.br/> e, há também, vários outros assuntos escritos por mim acerca da FEB, inclusive minha oração proferida no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, esta comemorativa do Centenário do **Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes**.

Esta minha introdução é para manifestar meu encanto e agradável surpresa ao ler o magnífico livro do Pracinha Galliano Cei, que registrou em estilo claro, como escritor inspirado, o ponto de vista sincero, preciso e conciso de um pracinha da FEB e toda a sua ventura como combatente da Segunda Guerra Mundial, em nome de seus camaradas febianos amazônicos que como Galliano Cei “*vieram das selvas e das margens crespas dos rios*” dos estados do Amazonas, Pará, Acre e dos então territórios federais do Amapá, Guaporé (Rondônia) e Rio Branco (Roraima).

Em 1962, na Escola de Comando e Estado Maior do Exército (ECEME), seus oficiais alunos, depois de analisarem vasta bibliografia, elaboraram uma pesquisa sobre o **Combatente Brasileiro na Itália** (1962), o qual reproduzimos em 2013, na edição de nº 14 do Informativo *O Guararapes*, disponível no portal já citado e no QR Code no canto superior direito.



Tenho certeza que se este Diário de Campanha da Segunda Guerra Mundial do Pracinha Galliano Cei estivesse disponível na época, muito teria enriquecido a citada pesquisa, porquanto seu diário reúne a visão de um combatente da FEB que soube expressar os seus sentimentos com a franqueza e a simplicidade características dos bravos.

Nesse sentido, considero que a obra **Pracinha Galliano Cei: Diário de Campanha da Segunda Guerra Mundial** trata-se de uma significativa contribuição a complementar a citada pesquisa da ECEME: **O Combatente Brasileiro na Itália** (1962) em revisões porvir.

Parabéns a Associação dos Amigos do Exército (SOAMEX) de Belém do Pará, a todos os integrantes da honrada família Cei e aos organizadores do Diário de Campanha, os senhores Túlio Roberto Cei e Glauco Mauro Cei, filhos de Galliano Cei e o Prof. Jefferson Biajone, do Portal Paulistas de Itapetininga, pela iniciativa da divulgação de valioso e inédito Diário de Campanha.



Por fim, desejo apontar que sobre a participação do Pará na Segunda Guerra Mundial, escrevi algo a respeito nas páginas 245 a 247 de meu livro **Amazônia Brasileira: Conquista, Consolidação e Manutenção. História Militar Terrestre da Amazônia (1616-2017)**, 2ª edição, igualmente disponível na íntegra no Portal da AHITMB e também no QR Code ao lado direito. Um trabalho que recomendo ser de interesse da SOAMEX de Belém do Pará.



(*) Coronel de Engenharia. Historiador e Pensador Militar. Memorialista. Jornalista e Presidente de Honra Emérito da AHIMTB/Resende-RJ

Prefaciador Convidado do Diário de Campanha

Edição Digital Comemorativa do Bicentenário da Independência do Brasil

Elton Vinícius Oliveira de Sousa (*)

Caríssimo leitor, parabéns pelo seu interesse nesta obra.

Folhear este diário de campanha é adentrar em uma significativa parte do curso de vida de um brasileiro chamado Galliano Cei, o qual tive a honra de conhecer seus bons feitos durante a Segunda Guerra Mundial, encantando-me com as narrativas e registros fotográficos a mim apresentadas por seu filho Túlio Cei, percebendo também, o legado de avô, pai e amigo que deixou plantado no seio da família Cei.

Lembro-me como se fosse hoje, aquela inesquecível tarde, quando fui recebido na casa do Túlio, nos idos de 2011, aqui em Belém do Pará, depois da nossa, quase que diária, “chuva da tarde”!

Tomamos um delicioso café e viajamos no tempo.

Conheci um pouco da Saga destes Cei, uma família de descendente de italianos em busca de prosperidade que se erradicaram nestas calorosas terras paraenses e que nos presentearam com o motivo deste diário de campanha que nos mostra a rotina de um homem disposto a defender a pátria brasileira e combater o fascismo, o nazismo e stalinismo a bem de uma sociedade cada vez mais justa e igual.

Sensivelmente, mostra-nos uma parte da personalidade de um homem, entre tantos, que estiveram conscientes de estarem imersos no maior conflito armado que a humanidade vivenciou.

A memória de Galliano Cei está enraizada também no estado do Amapá, onde consta uma placa comemorativa afixada em uma embarcação construída em peça única de madeira a homenagem do Comando de Fronteira Amapá e do 34º Batalhão de Infantaria de Selva ao ex-combatente pelos relevantes serviços prestados ao Exército Brasileiro e ao Brasil, no dia 20 de Abril de 2007.

Viva a memória viva do nosso estimado Galliano Cei!

Contudo, preciso também destacar alguns de seus irmãos ex-combatentes paraenses que tiveram a honra de dar vida a Associação do Ex-Combatentes da Segunda Guerra Mundial – Seção Pará, os quais certamente, Galliano Cei honrar-se-ia de dividir estas páginas:

Antônio Batista de Miranda, Alcides Pereira do Nascimento, Benedito da Costa Pimentel, Carlos Francisco Figueiredo Filho, Carmito Carneiro Pinho, Dilermano Guedes Cabral, Evangelista Vieira, Eduardo Lopes Braga, Erasmo Borges de Souza, Josias Malaquias de Araújo, João Vinhas Botelho, João Pereira da Silva, João Gildo dos Santos, Manoel Pinheiro da Silva, Nazaire

Cordovil Barbosa, Oscar Manoel dos Santos, Paulo Queiroz Bragança, Rui Martins da Fonseca, Raimundo Nonato de Castro e Vicente Silva.



Embarcação em homenagem a Galliano Cei existente no acervo do 34º BIS no Amapá
Foto: Elton Vinicius Oliveira de Sousa (2013).

A relevância social destes registros, sob a forma de um diário de campanha tem a dimensão de valorizar aqueles homens que foram pouco valorizados por uma minoria da sociedade brasileira.

Porém, hoje, estes registros de um cidadão brasileiro com um passado histórico marcado pela guerra, constitui-se uma relevância acadêmica que pode gerar ainda mais conhecimentos acerca da resiliência social, tão necessária ao envelhecimento bem sucedido pela ótica psicológica, do curso de vida.

(*) Docente da Universidade Federal do Pará (UFPA). Pesquisador e entusiasta da memória e dos feitos do Contingente da Amazônia na 2ª Guerra Mundial.

Prefaciador Convidado do Diário de Campanha

Edição Digital Comemorativa do Bicentenário da Independência do Brasil

Hilton Pereira da Silva (*)

Agradeço a honra de ser um dos prefaciadores convidados da obra ***Pracinha Galliano Cei: Diário de Campanha da Segunda Guerra Mundial***, publicada como parte das comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil e das homenagens aos amazônidas que contribuíram com o esforço brasileiro durante a Guerra.

A participação do país naquele que foi um dos eventos mais importantes do século XX ainda hoje gera controvérsias e intensos debates. No entanto, qualquer que seja o ponto de vista, a ninguém resta dúvidas de que cada um dos filhos deste solo que participou da “Guerra para por fim a todas as guerras”, seja em terra pátria ou estrangeira, merece todo o nosso respeito e gratidão.

Embora a Segunda Guerra Mundial seja um dos acontecimentos mais estudados da modernidade, sobre o qual há milhares de publicações, de todos os tipos, formatos e matizes, no Brasil, apesar de alguns textos relevantes que tentam resgatar a participação nacional, a produção acadêmica ainda é tímida.

A meu ver, em grande parte isso se deve à dificuldade de obter informações de fontes primárias de qualidade dada a baixa escolaridade da maioria dos engajados da Força Expedicionária Brasileira – FEB (o analfabetismo no Brasil era cerca de 57% em 1940, sendo ainda maior na região norte do país), que deixaram poucos registros, e à baixa auto-estima de nossos combatentes, muitos dos quais, como pudemos observar em nossa pesquisa para o livro ***Por Terra, Céu e Mar: Histórias e Memórias da Segunda Guerra Mundial na Amazônia*** (Editora Paka-tatu, 2013), sequer contaram para seus familiares sobre sua participação na Guerra. O próprio slogan da FEB “A Cobra Fumou”, foi uma aparente resposta ao descrédito da sociedade na força militar brasileira à época.

Além disso, no retorno ao Brasil, como o país se encontrava sob uma ditadura, havia grande receio de que os combatentes que foram lutar pela democracia na Europa pudessem se revoltar e exigir aqui o mesmo sistema de governo pelo qual estavam dispostos a dar sua vida em terra, nos céus ou no mar do velho continente. Esse receio se transformou em ação e os combatentes que não eram militares de carreira foram desmobilizados antes de embarcar de volta para o Brasil afim de evitar que pudessem se envolver nas disputas políticas do Estado Novo.

Durante muitos anos os pracinhas foram impedidos de ostentar suas fardas, medalhas e debater seus feitos publicamente.

Muitos retornaram com problemas físicos e mentais adquiridos em combate, mas suas necessidades foram ignoradas pelo Estado, e mesmo os militares que haviam estado no teatro de operações da Itália, foram maltrados por seus pares, alguns até acusados de comunismo e perseguidos posteriormente. Parecia que o objetivo era esquecer que existiram.

Porém, como haviam feito no duríssimo frio italiano, sob condições de combate extremamente adversas, eles resistiram, se organizaram, criaram as Associações de Ex-Combatentes, como a AECB-RJ, a primeira, ainda em 1945, e a AECB-PA (1946), e iniciaram uma nova batalha “morro acima”, como em Monte Castelo, desta vez em solo pátrio, pelo reconhecimento de seus direitos e sua história. Grande parte dessas histórias de vida e luta só começaram a vir à tona muitas décadas após o fim da campanha da FEB.



Reunião de Ex-combatentes e familiares no Salão Nobre da AECB-PA em janeiro de 2013.

Foto. Elton Vinícius Oliveira de Sousa.

Quando conhecemos a Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, secção Pará, em 2011, seu presidente era o venerável pracinha Raimundo Nonato de Castro, que nos acolheu, compartilhou suas histórias, apresentou seus correligionários e nos abriu as portas para um mundo que só conhecíamos pelos filmes, livros e revistas (a maioria de origem norte americana).

Através da AECB-PA tivemos contato com os membros remanescentes do Contingente da Amazônia e seus parentes, entre os quais a família Cei e a história de seu pai Galliano. Homem letrado, algo relativamente raro no Contingente, o pracinha Cei sabia da importância de registrar suas memórias e de repassar a tradição militar da preservação da história aos seus descendentes.

Quando seu filho Tulio Roberto Cei nos apresentou o manuscrito dos diários, ainda em 2012, logo reconhecemos a importância do material e a necessidade histórica de sua publicação.

Graças aos esforços familiares, o manuscrito, juntamente com um valioso acervo fotográfico, foi adequadamente preservado e agora, com o primoroso trabalho do Prof. Jefferson Biajone e sua equipe, o texto ganha uma edição especial digital, como parte das comemorações do Bicentenário da Independência.

O século XX, com suas duas guerras mundiais, uma longa Guerra Fria, e avanços tecnológicos e sociais jamais vistos na história humana, foi um divisor de águas, a ponto de alguns intelectuais considerarem aí o início de uma nova era, o Antropoceno. A participação do Brasil na Segunda Guerra, algo que muitos duvidavam, é um marco de maturidade do país no cenário mundial no século passado.

Ao adentrarmos a segunda década do século XXI, que para nós promove efemérides de grande relevância como o Bicentenário da Independência, o centenário da Semana de Arte Moderna, as oito décadas do início da Segunda Guerra e da chegada da FEB para combater em terras italianas contra o Eixo, nosso país se depara com enormes desafios, potencialmente tão grandes quanto os enfrentados pelos pracinhas no embate contra um dos exércitos mais poderosos do mundo.

Que o exemplo deles, tão bem ilustrado no diário do pracinha Galliano, nos inspire a continuar a combater o bom combate, para a construção de uma sociedade mais justa, solidária e um país verdadeiramente democrático e inclusivo.

Como sempre nos lembraram os veteranos de todo o país, temos o Dever de Memória. Resgatar e valorizar os fatos e feitos dos 790 bravos pracinhas amazônidas é obrigação dos que dedicam amor à pátria. Parabéns a todos os envolvidos nessa iniciativa para trazer ao grande público um dos primeiros diários do Contingente da Amazônia em ação.

(*) Docente da Universidade Federal do Pará (UFPA) e do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília (CEAM/UNB).
Membro Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Pará.
e fundador da Cadeira 52, patronímica do professor Eidorfe Moreira.

Prefaciador Convidado do Diário de Campanha

Edição Digital Comemorativa do Bicentenário da Independência do Brasil

Jefferson Biajone (*)

Em visita a Belém do Pará na data de 3 de Janeiro de 2022, tive a grata oportunidade de conhecer o senhor Tulio Roberto Cei, apresentado que me fora pelo amigo Prof. Elton Vinicius Oliveira de Sousa, em reunião na tarde daquela segunda feira na Estação das Docas, armazém 2.

Congregados ali estávamos em prol da proposição de ações em comum, tendo em vista o resgate e a valorização da memória e dos feitos dos Ex-Combatentes da Amazônia da Segunda Guerra Mundial, particularmente pelo fato do ano de 2022, que ora se iniciava, ser comemorativo do Bicentenário da Independência do Brasil.

Na ocasião, o professor Elton Vinicius Oliveira de Sousa trouxe um exemplar de seu livro ***Por Terra, Céu e Mar: Histórias e Memórias da Segunda Guerra Mundial na Amazônia*** (2013) escrito com o Prof. Dr. Hilton Pereira da Silva e colaboradores.

O senhor Tulio Roberto Cei, por sua vez, apresentou um exemplar de ***A Saga dos Cei*** (2012), a qual contém, entre outros textos, a íntegra do que teria sido o diário de campanha da Segunda Guerra Mundial de seu pai Galliano Cei (in memoriam).

Perante o cabedal de informações contidas nas duas obras e de outras ideias que emergiram em nossas conversas, concordamos em ter os livros ***Por Terra, Céu e Mar*** (2013) e o Diário de Campanha de Galliano Cei, transcrito do livro ***a Saga dos Cei***, publicados no ano de 2022 em edições digitais alusivas e comemorativas do Bicentenário da Independência do Brasil.

Compreendemos ainda que as duas obras, assim organizadas e disponibilizadas na *Internet* poderiam ter, entre outros destinos, o acervo digital do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), bem como obter divulgação junto ao Comando Militar do Norte, por meio da Sociedade de Amigos do Exército de Belém-PA (SOAMEX), que o senhor Tulio Roberto Cei encontrava-se presidente.

Combinado então ficou que a digitação, revisão, ampliação e diagramação dos textos, criação e digitalização das imagens do livro porvir ***Pracinha Galliano Cei: Diário de Campanha da Segunda Guerra Mundial*** advindo da *Saga dos Cei* ficariam sob minha responsabilidade.

Já a nova edição de ***Por Terra, Céu e Mar*** esta ficaria a cargo dos professores Elton e Hilton, em uma outra oportunidade porvir durante o ano de 2022.

Desta nossa reunião, ficou ainda decidido que o Portal dos Ex-Combatentes de Itapetininga atuaria como entidade mecenas para a doação de duas placas de aço inoxidável em homenagem aos Pracinhas da Amazônia. Uma placa, nas medidas 90 cm x 60 cm, teria destino o Comando Militar do Norte (CMN) e a outra, nas medidas 100 cm x 40 cm, o 2º Batalhão de Infantaria de Selva (2º BIS).

Ambas com menção ao Bicentenário da Independência (1822-2022), a placa destinada ao CMN seria em homenagem ao 786 militares¹ do **Contingente da Amazônia** que tiveram destino o 5º Escalão da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Já a placa

¹ Contingente da Amazônia com destino ao 5º Escalão da FEB: 2 subtenentes, 01 1º sargento, 03 2º sargentos, 13 3º sargentos, 39 cabos, 03 cabos reservistas, 449 soldados e 276 reservistas.

destinada ao 2º BIS seria em homenagem aos 100 militares² que, em 1944, se encontravam adidos àquela esta Organização Militar (OM) e que, à exemplo do então reservista Galliano Cei, integraram o referido contingente com destino à Itália.

Assim deliberadas as ações a serem empreendidas, nos despedimos e acertado ficou com o senhor Tulio Roberto Cei que eu e ele faríamos uma visita ao Comando Militar do Norte e ao 2º BIS ainda naquela semana, o que fortuitamente acabou ocorrendo logo no dia seguinte, terça feira, 4 de janeiro.

De fato, às 11 horas da manhã na Q.G. do CMN fomos recebidos pelo senhor Coronel Rubens Ribeiro **Guimarães** Junior, que nos levou à presença do senhor General de Exército João **Chalella** Junior, Comandante Militar do Norte, o qual estava acompanhado do senhor General de Divisão Otávio Rodrigues de **Miranda Filho**, Comandante da 8ª Região Militar e do senhor General de Brigada Jorge Luiz Abreu do **O' de Almeida** Filho, Chefe do Estado Maior do Comando Militar do Norte.

Após os cumprimentos e apresentadas as ideias que o encontro do dia anterior havia ensejado, o senhor General Chalella aceitou a doação da placa, teceu suas considerações acerca de seu *layout* e dizeres, bem como onde ela provavelmente seria colocada no Q.G. do Comando Militar do Norte.

Aprovou ele também a ideia que lhe apresentei de se ter os nomes de todos os integrantes do **Contingente da Amazônia** destinados ao 5º Escalão da FEB reunidos em uma relação digital (PDF), qual seja, a **Relação de Pracinhas da Amazônia**, cuja disponibilização ocorreria tanto em uma página específica acerca dos Pracinhas da Amazônia no Portal do Comando Militar do Norte, quanto por uma placa de PVC com um QR Code impresso, afixada próxima à placa de aço.



Layout de placa de aço inox alusiva aos Pracinhas da Amazônia no Bicentenário da Independência para o CMN
Fonte. Portal Ex-Cmb Itape (2022).

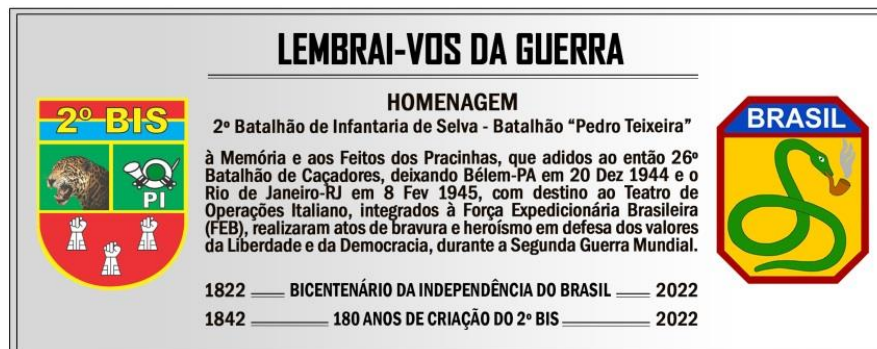
² Militares adidos ao 2º BIS (então 26º Batalhão de Caçadores em 1944) que integraram o Contingente da Amazônia para o 5º Escalão da FEB: 01 subtenente, 02 3º sargentos, 03 cabos, 72 soldados e 22 reservistas.

Por conta das ideias que emergiram em torno da placa do CMN, houve consenso entre todos os presentes que o 2º BIS também poderia contar com uma página em seu Portal alusiva à temática dos pracinhas da Amazônia, além da respectiva placa de QR Code, mas ambos com acesso à edição digital por vir do Diário de Campanha da Segunda Guerra Mundial do Pracinha Galliano Cei, dado que o 2º BIS (então 26º Batalhão de Caçadores) foi onde Galliano Cei esteve adido com destino à FEB.

Encerrada a reunião e gratos pela recepção que tivemos no CMN, Túlio e eu seguimos para o Quartel do 2º BIS, onde o senhor Comandante Coronel Hiarlley Gonçalves Cruz **Landim** nos aguardava, acompanhado do senhor Tenente Coronel **Gentil**, comandante da Base de Administração e de Apoio daquela OM.

Após as apresentações, dialogamos sobre o *layout* da placa inox a ser doada ao 2º BIS tendo em vista o monumento aos Pracinhas da Amazônia que o Cel Landim havia nos informado que desejava restaurar para reinauguração em 29 de Abril de 2022, data alusiva aos 77 anos da Tomada de Montese pela FEB na Itália. Ademais, a par do bicentenário da independência do Brasil em 2022, o 2º BIS estaria celebrando também os 180 anos de sua fundação, ocorrência que seria igualmente mencionada na placa.

Assim sendo e tal como fora discutido no CMN, Cel Landim aprovou a ideia de que uma placa com o QR Code impresso acompanharia a placa inox no citado monumento, cuja leitura por dispositivo móvel permitiria acesso a uma página no Portal do 2º BIS e, desta, acesso à edição digital (PDF) do Diário de Campanha do Pracinha Galliano Cei.



Layout da placa de aço Inox para o Quartel do 2º BIS alusiva ao Monumento Febiano existente naquela OM, bem como os 180 anos de sua fundação no Bicentenário da Independência

Fonte. Portal Ex-Cmb Itape (2022).

Para tanto, Cel Landim designou o 1º Tenente OTT Thiago Diogo Dias **Cardoso**, (Relações Públicas) e o 1º Tenente Inf Marcus **Vinícius** Araújo Duarte (Informática) e o 3º Sargento STT Thiago Sodré **Gabriel** (Informática), todos do 2º BIS, para que o esboço da página que elaborei em .docx fosse publicado no Portal da OM em *PHP* sob o título de **A Contribuição do 2º BIS para a Força Expedicionária Brasileira** (vide: <http://www.2bis.eb.mil.br/index.php/feb>), havendo também nesta página link de acesso e respectivo QR Code à edição digital de **Pracinha Galliano Cei: Diário de Campanha da Segunda Guerra Mundial** (Regional, 2022).

A contribuição do 2º BIS para a Força Expedicionária Brasileira (F.E.B.)

O 2º Batalhão de Infantaria de Selva, criado em 1944, contribuiu com sua participação de combate na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), ao ter destacado um contingente de 90 militares, entre 1 novembro de 1944 e 31 de dezembro de 1944, para o 5º Escalão da FEB, que desembarcou em 20 de dezembro de 1944 e o 8º de janeiro a 8 de fevereiro de 1945, seguiu embarcado com o 5º Batalhão da Força Expedicionária Brasileira (F.E.B.) no Navio USS General Magalhães para o Teatro de Operações Sulino, onde teve participação nos 1º, 2º e 3º Regimentos de Infantaria, entre outras unidades combatentes da FEB, concorrendo para as várias vitórias obtidas pelas armas brasileiras nos combates de:

O pracinha **Pracinha Galliano Cei** foi um dos 21 pracinhas nomeados para serem os primeiros do escalão 2º BE, seguiu para a Itália com o **Contingente da Amazônia** incorporado à FEB em 8 de fevereiro de 1945. Seu Diário de Campanha na Itália, disponível em PDF na imagem de capa, e seguiu, relatando sua participação e os combates de **Monte Castello** na Itália pela liberdade e pela Democracia, registrada da forma heroica e nobre nos anos da História Militar Terrestre Parana, pela **Força Expedicionária Brasileira**, que seguiu em combate na Segunda Guerra Mundial na Itália.

Imagem. Detalhe da página citada no Portal do 2º BIS e de QR Code que dá acesso ao PDF do livro *Pracinha Galliano Cei: Diário de Campanha da Segunda Guerra Mundial* (2022)

Fonte. Portal do 2º BIS na *Internet*

Agradeço a estes três dedicados militares pelo trabalho que juntos empreendemos durante o mês de fevereiro para que a página ***A Contribuição do 2º BIS para a Força Expedicionária Brasileira*** no Portal do 2º Batalhão de Infantaria de Selva viesse a lume e com ela a publicação do Diário de Campanha de Galliano Cei na íntegra em PDF.

Quanto à publicação da **Relação de Pracinhas da Amazônia** no Portal do Comando Militar do Norte, foi outra frente de trabalho que particularmente precisei reunir os nomes completos dos 786 integrantes do Contingente da Amazônia destinados ao 5º Escalão da FEB para a Itália, o que foi possível concretizar graças ao trabalho do Ex-Combatente Antônio Batista de Miranda (in memoriam), que então membro da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – Seção Pará (AECB-PA), teve os nomes originalmente reunidos e enviados à Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB) no Rio de Janeiro, que, por sua vez, os organizou em uma relação de 29 páginas datilografadas, intitulada *Relação das Praças que compuzeram o Contingente da Amazônia com destino à Força Expedicionária Brasileira (FEB). 20/12/944*.

Foi esta a mesma relação de 29 páginas (vide: <https://bit.ly/3HOGvnl>) que décadas mais tarde, em 1998, Antônio Batista de Miranda tornava pública, pela primeira vez, nas páginas 125 a 148 de seu livro ***Guerra: Memórias... Destino...*** (Editora Sagrada Família, 1998).

Outrossim, a revisão dos nomes dos 786 Pracinhas da Amazônia ensejou também a oportunidade de se verificar a denominação das Organizações Militares (OM) que eles pertenceram ao deixarem Belém-PA com destino ao 5º Escalão da FEB.

Feliz sugestão de verificação, aliás, que recebi do Coronel Rubens Ribeiro **Guimarães** Junior, oficial de Gabinete do Sr. General de Exército João **Chalella** Junior, da qual resultou na descoberta de quais OM, então existentes em 1944, ainda existiam e quais dela se encontravam extintas.

Para tanto, consultei a 2ª edição do *Catálogo de Destino dos Acervos das Organizações Militares do Exército Brasileiro*, publicada pelo Arquivo Histórico do

Exército em 2020 (vide: <https://bit.ly/3HwmVwm>). Do que encontrei acerca das OM envolvidas neste relevante trabalho genealógico institucional, pude elaborar o seguinte quadro explicativo, constante na página 7 da **Relação de Pracinhas da Amazônia**:

OM de origem (1944)	Significado da Sigla e cidade sede da OM	OM atual (2022)
1ª Bia Au	1ª Bateria Independente de Artilharia Automóvel (Belém/Pará)	Extinta em 1946
1ª Bia MAC	1ª Bateria Móvel de Artilharia de Costa (Belém/Pará)	Extinta em 1946
1ª Cia Mtr AAe	1ª Companhia de Metralhadoras Antiaérea (Belém/Pará)	Extinta em 1946
1ª/4º Btl Fron	1ª Companhia do 4º Batalhão de Fronteira (Boa Vista/Roraima)	Extinta em 1946
26º BC	26º Batalhão de Caçadores (Belém/Pará)	2º BIS
27º BC	27º Batalhão de Caçadores (Manaus/Amazonas)	1º BIS
34º BC	34º Batalhão de Caçadores (Belém/Pará)	Extinta em 1946
35º BC	35º Batalhão de Caçadores (Bragança/Pará)	Extinta em 1944
Cia Fron	Companhia Independente de Fronteira (Brasília/Acre)	Extinta em 1945
4ª Cia Fron	4ª Companhia Independente de Fronteira (Macapá/AP)	C Fron AC / 4º BIS
8ª Bia C	8ª Bateria Independente de Artilharia de Costa (Forte de Óbidos/PA)	Extinta em 1944
Cont QG 8º RM	Contingente do Quartel General da 8ª Região Militar (Belém/PA)	8º RM
CPOR	Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (Belém/PA)	NPOR 2º BIS

Quadro. Relação das Organizações Militares (OM) que pertenceram os integrantes do Contingente da Amazônia ao deixarem Belém-PA em 20/12/1944.

Fonte. Vide página 7 da Relação de Pracinhas da Amazônia em <https://bit.ly/36bA5kL>

Acrescentei também à **Relação de Pracinhas da Amazônia** dados acerca dos **sete combatentes** da Amazônia falecidos na Itália, a saber, o

2º Tenente Aviador **Waldyr Paulino Pequeno de Melo** (1º G Av CA)

2º Sargento **Sebastião da Costa Chaves** (11º RI)

3º Sargento **Manoel Chagas** (1º RI)

3º Sargento **Miguel de Souza Filho** (3º RI)

Cabo **José Vieira da Conceição** (1º RI)

Soldado **Agostinho da Silva Monteiro** (I/1º RAPC)

Soldado **Maurício de Araújo Martins** (CRP/FEB)

Seus nomes e informações diversas relacionadas com o falecimento em ação, em acidente ou em hospitais de campanha que tiveram encontrei no livro **Por Terra, Céu e Mar: Histórias e Memórias da Segunda Guerra Mundial na Amazônia** de autoria de Hilton Pereira da Silva, Elton Vinicius Oliveira de Sousa e colaboradores (Editora Paka-Tatu, 2013), o mesmo que Elton Vinicius havia me apresentado em 3 de Janeiro de 2022.

A exemplo do que fizera **Por Terra, Céu e Mar** (2013), a menção aos sete bravos combatentes da Amazônia tombados no cumprimento do dever na **Relação de Pracinhas da Amazônia** foi a forma que encontrei para prestar uma nova homenagem, só que agora em formato digital, àqueles homens que tiveram suas vidas sacrificadas na luta pela Liberdade e Democracia durante a Segunda Guerra Mundial.

Outros dados sobre os falecidos, particularmente acerca daqueles que detinham a graduação de sargento, encontrei em **Os 68 Sargentos Heróis da FEB, Mortos em Operações de Guerra** (2011, vide: <https://bit.ly/3GvFAbm>), de autoria do amigo e mentor, o senhor Coronel Cláudio Moreira **Bento**, Presidente de Honra Emérito da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) – Resende/RJ.

Ícone dos Historiadores Militares Terrestres Brasileiros e autor da obra *Amazônia Brasileira: Conquista, Consolidação e Manutenção. História Militar Terrestre da Amazônia de 1616 a 2017* (vide: <https://bit.ly/3rsy2jl>), o senhor Coronel **Bento**, aos noventa anos de idade, inclusive, aceitou o convite que lhe fiz para ser um dos prefaciadores do Diário de Campanha de Galliano Cei, o qual mui honrou a presente obra e lhe sou agradecido.

Conjuntamente com menção feita aos sete combatentes da Amazônia falecidos na Itália, a **Relação de Pracinhas da Amazônia** recebeu também ISBN, ficha catalográfica, estatísticas acerca dos quantitativos relacionados aos efetivos do Contingente, imagem da placa do CMN em homenagem aos Pracinhas da Amazônia e referências.

Uma página no Portal do Comando Militar do Norte, por fim, foi elaborada e denominada **Pracinhas da Amazônia** (vide: <http://www.cmn.eb.mil.br/pracinhas-da-amazonia>) nela constando a **Relação de Pracinhas da Amazônia** em PDF, acessível tanto por link, quando pela leitura de QR Code por dispositivo móvel.

Agradeço às pessoas do senhor Cel Art QEMA Rubens Ribeiro **Guimarães Junior** (CMN), 1º Ten QAO Márcio Ferreira **Lobato** (Comando da 8º RM), 1º Ten OTT **Danielle** do Socorro Andrade da Silva (Seção de Informática do CMN), 2º Ten OTT **Tamiris** Balieiro da Silva Hosoume (Seção de Comunicação Social do CMN) e do 3º Sgt STT **Diego** Silva de **Oliveira** (Seção de Informática do CMN) pela trabalho em conjunto que teve como fruto a página **Pracinhas da Amazônia** publicada no Portal do Comando Militar do Norte em 1º de Fevereiro de 2022.

Imagem. Página dos Pracinhas da Amazônia no Portal do CMN e QR Code de acesso à relação em PDF
Fonte. Portal do CMN na *Internet* (vide: <https://bit.ly/3BapTUZ>)

Exatos vinte dias depois, a 21 de Fevereiro, data comemorativa dos 77 anos da Tomada de Monte Castello, o Comando Militar da Amazônia (CMA) publicava em seu Portal versão da página **Pracinhas da Amazônia** e, por meio desta, a **Relação de Pracinhas da Amazônia** (vide: <http://www.cma.eb.mil.br/pracinhas-da-amazonia>).

De fato, com a publicação da relação no Portal do CMN, compreendi que semelhante iniciativa poderia ser estendida ao Portal do CMA, o que foi aceito pelo Senhor General de Exército Achilles **Furlan** Neto, Comandante Militar da Amazônia, a quem agradeço, bem como às pessoas dos senhores General de Divisão **Omar** Zendim, Comandante da 12ª Região Militar, General de Brigada Cláudio Henrique da Silva **Plácido**, Chefe de Estado Maior do Comando Militar da Amazônia, Cel Com QEMA Luiz Cláudio de Souza **Franklin** (CMA), Cel Com QEMA **Harley de Pinho** (Comunicação

Social do CMA), 3º Sgt Int **Emmanuel Vargas da Costa** e 3º Sgt STT **Rafael Alexandre Reis de Araújo** (Cia Cmdo do CMA) por todo o apoio e compreensão concedidos.

Pracinhas da Amazônia



Imagem. Detalhe da página no Portal do CMA e layout da placa de aço inox doada ao CMA
Fonte. Portal do CMA na Internet (vide: <https://bit.ly/3hsaGpi>)

A publicação da **Relação de Pracinhas da Amazônia** no Portal do **CMA** ensejou também a doação de nova placa de aço (90 cm x 60 cm), esta destinada ao Q.G. do Comando Militar da Amazônia, com descerramento previsto para ocorrer durante as celebrações do 77º Dia da Vitória (8 de Maio de 1945) em 8 de Maio de 2022.

Por fim, não posso deixar de ressaltar os laços de camaradagem e de parceira que foram estabelecidos com o Comando Militar do Norte, o Comando Militar da Amazônia, o 2º Batalhão de Infantaria de Selva, a Sociedade Amigos do Exército, a Universidade Federal do Pará e o Instituto Histórico e Geográfico do Pará, sendo que da Presidência deste último recebi todo o apoio necessário para atuarmos em conjunto na (re)edição de livros e escritos de/sobre Ex-Combatentes da Amazônia que surgirem, de forma a tê-los disponíveis, inclusive, no **Acervo Digital Pracinhas da Amazônia** do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, cuja ideia de criação apresentei à Sra. Presidente Dra. Anaísa Vergolino e Silva.

A guisa de conclusão, agradeço aos senhores Tulio Roberto Cei e Glaucio Mauro Cei pela oportunidade estarmos juntos na organização de **Pracinha Galliano Cei: Diário de Campanha da Segunda Guerra Mundial (2022)** e aos senhores Gen Ex João **Chalella Junior**, Gen Div Otávio Rodrigues de **Miranda Filho**, Cel Ref Cláudio Moreira **Bento**, Cel Hiailley Gonçalves Cruz **Landim**, Prof. Dr. Hilton Pereira da Silva e Prof. Ms. Elton Vinicius Oliveira de Sousa pela oportunidade de ombrearmos juntos as apresentações e os prefácios constantes nesta obra, cuja essência refletida nas palavras de Galliano Cei é, sem sombra de dúvida, dedicada ao **Pracinha da Amazônia**, Combatente Brasileiro da Liberdade e da Democracia, a quem rendemos as nossas sinceras homenagens e prestamos a mais efusiva continência.

(*) Professor universitário e presidente do Portal dos Ex-Combatentes de Itapetininga/SP.

I.

Registros de n.º 1 a n.º 5 do Diário de Campanha
7 de Setembro de 1942 a 4 de Dezembro de 1944

- I. Convocação e prestação do Serviço Militar Inicial.
- II. Reservista do Exército Brasileiro.
- III. Reconvocado para o Serviço Ativo com destino à F.E.B.



Registro nº 1**7 de Setembro de 1942**

Pelos jornais de Belém, tomei conhecimento de que a classe de 1921 era convocada para o serviço militar e a seguir vinha publicada uma lista imensa, por ordem alfabética dos alistados e na letra 'G' lá estava meu nome!

Uns quinze dias depois, saiu outra publicação convocando para apresentação médica, meu nome estava lá. Fui inspecionado e julgado apto, para o Serviço Militar. Fiquei aguardando convocação.

Registro nº 2**15 de Dezembro de 1942**

Fui incorporado ao Exército Brasileiro e destinado a servir no 35º Batalhão, unidade nova, organizada só de recrutas, que foi sediada em Bragança, onde passei a servir.

Registro nº 3**31 de Outubro de 1944**

A 31 deste mês de outubro fui licenciado do serviço ativo do Exército, após haver servido um ano, dez meses e dezoito dias no 35º BC. Ingresso então, na reserva do Exército Brasileiro na categoria "P".

Registro nº 4**4 de Novembro de 1944**

A quatro de novembro consegui, após longa demora, obter o meu certificado de reservista (sem punição alguma).

Registro nº 5**4 de Dezembro de 1944**

À 4 de dezembro, chegaram de Belém diversas canoas e traziam jornais, com notícias alarmantes; a FEB que já se encontrava lutando na Itália, precisava urgentemente de reforços, mais unidades seriam prontadas e embarcadas.

Circulavam boatos e mais boatos, pelos jamais tomei conhecimento que estava novamente convocado..., e o prazo para apresentar-me terminava neste dia mesmo. Em casa reinava calma, uma calma silenciosa.

Minha mãe resolveu viajar comigo até Belém, ia fazer compras e queria ver de perto o que me esperava, os demais ficaram em casa.

Seis de dezembro chegamos a Belém, fui imediatamente inspecionado, julgado apto, fiquei adido no quartel do 26º BC, a espera de ordens e lá encontrei muitos ex-colegas do 35º, novamente convocados, estávamos trajando roupas civis.

O quartel estava repleto de soldados, outras unidades como o 34° BC e a companhia antiaérea do Amapá, também estavam no quartel, que estava apinhado de soldados, a maioria dormindo no chão, pois não havia camas para todos e não era permitido sair.

No 26° BC estávamos mais folgados, saíamos quase todos os dias e dormíamos em camas, visitas também eram permitidas. A mamãe foi ver-me, estava abatida coitada, eu sabia que estava causando-lhe uma grande dor, visível aos meus olhos, e ela sabia que não era o culpado, era uma fatalidade, o destino. Mamãe regressou para casa, três ou quatro dias antes do meu embarque. Fiquei mais só ainda.

Nós, os adidos ao 26° BC, saíamos sempre nos últimos dias, mas os que estavam nas outras unidades ficavam no duro cimento até o embarque; um contingente chegado de Manaus, nas últimas horas veio agravar ainda mais o problema de espaço no quartel.



Reservista Galliano Cei (mais alto ao centro) e companheiros convocados para a Segunda Guerra Mundial no Quartel do 26º Batalhão de Caçadores (atual 2º Batalhão de Infantaria de Selva, Belém/PA)

Foto. Tulio Roberto Cei

II.

Registros de n.º 6 a n.º 12 do Diário de Campanha
23 de Janeiro de 1945 a 2 de Fevereiro de 1945

- I. A viagem de Belém-PA para Rio de Janeiro-RJ.
- II. Dificuldades com a alimentação e alojamento a bordo.
- III. Natal de 1944 e Ano Novo de 1945 a bordo do Cuia



Registro nº 6**23 de Dezembro de 1944**

Encontro-me a bordo do Cuiabá, velho navio do Loyd Brasileiro, fundeado em frente a Vila do Mosqueiro, aguardamos ordens para prosseguir viagem, há muita confusão a bordo; viajavam cerca de 1000 homens, todos disputando um cantinho mais confortável; a cama é uma esteira mofenta, que no porão resolve o problema da dormida.

Volto a encontrar com os amigos do 35º BC que eu pensava não rever mais, muitos viajavam a paisano como eu, somos reservistas, isto é uma verdadeira salada; vou terminar pois é difícil escrever sossegado aqui.

Registro nº 7**24 de Dezembro de 1944**

Amanheceu em dia chuvoso, desde as primeiras horas, tudo é cinzento e há pouca visibilidade, navegamos em pleno oceano, rumo ao Sul.

Ontem desapareceu a costa paraense, fiquei olhando as luzes de Mosqueiro sumirem no horizonte: perguntei a mim mesmo qual e como seria o fim desta aventura...

É véspera de Natal, muito diferente dos outros, aparecem os primeiros casos de enjôo, serenam assim os ânimos de muitos, tornando o ambiente mais silencioso, a situação ainda me parece confusa, a comida é a mesma do quartel e a distribuição é morosa, a bordo viajam também passageiros civis, diminuindo assim a liberdade, no exíguo espaço que nos resta e onde vivemos amontoados.

Viajamos comboiados por navios de guerra Americanos e seguimos a toda força em zig-zag.

Registro nº 8**25 de Dezembro de 1944**

Outro dia chuvoso, navegamos em águas cearenses, juntamo-nos a mais três navios, dois são americanos, o terceiro é brasileiro e está cheio de soldados também; em consequência da chuva a jogatina hoje é mais forte.

Carniceiro e Tico-Tico, velhos companheiros do 35º BC, chefiam o jogo e o dinheiro passa de mão em mão rapidamente. Sinto-me com os ossos todos doloridos, só uma esteira é a magra proteção para a dureza deste porão, assim passa o Natal mais estranho da minha vida.

Tinha muitas razões para sentir-me triste, no entanto vivo nesta anarquia, quase indiferente, sinto-me à vontade no sofrimento! Parece que nasci para ser soldado...

Registro nº 9**26 de Dezembro de 1944**

Dia quente e sol, céu azul e mar manso, deixamos a água cearense, a comida está piorando, tem praças trabalhando na cozinha e o resultado é este; ontem dia de Natal para o jantar serviram um peixe salgado, disso resultou uma forte diarreia.

E logo os primeiros casos esgotaram os remédios que haviam a bordo, pelas informações o serviço de saúde que nos acompanhava, não estava preparado para atender cerca de mil homens, a quantidade de produtos farmacêuticos embarcados terminou no primeiro dia.

É uma lastima; faço os primeiros conhecimentos, encontra-se sempre alguém, que vale a pena conversar um pouco, mais a maioria é a expressão pura e simples do caboclo.

Registro nº 10**29 de Dezembro de 1944**

Escrevo deitado, forte dor de cabeça me persegue, mas não é causada pelo mar. A moral desceu de um modo geral, refletindo assim o precário estado físico.

A comida não satisfaz a exigência do corpo. Quatro dias desse regime, vem me deixando cada vez mais fraco!...

O capitão, levado ao conhecimento dos fatos, pediu paciência, até chegarmos ao porto. Penso olhando para isso, o que será o futuro! Pois se aqui a fome morde estômago, o que nos espera adiante???

Registro nº 11**31 de Dezembro de 1944**

Transcorre o último dia do ano. Houve sururu a bordo.

Uma escolta nos acompanha até o Rio, são cinquenta homens, postados nos pontos altos do navio, diversos fuzis metralhadoras em posição que só agora estamos vendo. Ordens severas foram baixadas.

Registro nº 12**2 de Janeiro de 1945**

Estamos chegando! Passamos agora em frente a Cabo frio, dentro de poucas horas estaremos na Guanabara.

Último dia a bordo do Cuiabá!!!

III.

Registros de n.º 13 a n.º 17 do Diário de Campanha
9 de Janeiro de 1945 a 5 de Fevereiro de 1945

- I. No Morro Capistrano da Vila Militar.
- II. Passeios na cidade do Rio de Janeiro.
- III. Preparativos para a Guerra.



Registro nº 13**9 de Janeiro de 1945**

Na Vila Militar, há alguns dias, encontro-me aqui, no morro do Capistrano. Estamos sendo vacinados, fichados e preenchemos grandes impressos, mencionando tudo o que somos e o que fizemos, profissão, escolaridade, doenças, etc.

Foi aqui que comecei à ver soldados e oficiais americanos misturados conosco. Aqui o panorama é até bonito, longa sequência de pequenos morros verdes, até perder de vista. O rancho melhorou também.

Todas as tardes dou jeito de pegar um trem e me mandar para a cidade, voltando pouco antes de meia noite.

Aqui, tem muita gente, cerca de 8.000 homens, gaúchos, catarinenses, paulistas e nortistas também, uma verdadeira salada.

Registro nº 14**19 de Janeiro de 1945**

Recebemos roupa de brim grosso, juponas e calças de roupa pesada, e roupa de baixo. Há três dias que ajeito, costuro, diminuo e marco toda essa roupa, procurando evitar extravios.

Pela manhã e no início da tarde passam filmes de táticas de guerra, preparando nosso espírito, para o que nos aguarda.

As cinco horas da tarde sai o rancho e após isso, a maioria se manda para a cidade do Rio e regressa altas horas da noite.

Aproveitando ainda o que pode do Rio de Janeiro.

Registro nº 15**23 de Janeiro de 1945**

Recebi juntas duas cartas de casa, pelo conteúdo, noto que a mamãe está muito abatida. Hoje cai uma chuva miúda e insistente, faz frio e uma neblina densa torna invisíveis os pequenos e grandes morros.

Não vou sair hoje. Continuam as sessões cinematográficas, agora de manhã, a tarde e a noite.

Registro nº 16**3 de Fevereiro de 1945**

Impediram completamente nossa saída. Um duplo cordão de sentinelas, estende-se cercando o morro do Capistrano.

A intervalos curtos estão postados os homens do 2º RI., desde ontem estão fazendo quatro chamadas por dia.

Estamos de sobreaviso, ninguém sai mais, passamos o tempo vendo filmes educativos de guerra, também tem artistas do Rio, que vem fazer show para nós.

A 13ª Companhia a qual pertença, está de prontidão, equipamentos ajustados e prontos, esperamos apenas a hora H..., que pode ser a qualquer momento.

Registro nº 17

5 de Fevereiro de 1945

Recebemos mantas, estojo de toalhas, comprei copioso material escrevente e outras coisas que poderão ser úteis, troquei os últimos cruzeiros por dólares; fiquei sem dinheiro, já que os cruzeiros não valem para onde vamos e gastei tudo.

Na força tem Capelães, pela manhã sempre celebram missas.

IV.

Registros de n.º 18 a n.º 26 do Diário de Campanha
7 de Fevereiro de 1945 a 22 de Fevereiro de 1945

- I. A bordo do USS General Meighs.
- II. Incertezas e angústias na travessia oceânica.
- III. Cruzando a Linha do Equador.
- IV. Do Gibraltar ao Mediterrâneo.
- V. Carcaças e destroços de Navios em Nápoles.
- VI. Adeus ao General Meighs.



Registro nº 18**7 de Fevereiro de 1945**

Deitado no meu beliche, risco essas linhas, ontem enfim, chegou ordem de embarque, longas composições de trem com janelas fechadas, nos levaram direto até o cais do porto, ao lado de um grande navio Americano, fomos embarcados, a companhia inteira ficou alojada num compartimento abaixo do nível d'água.

Grandes exaustores renovam o ar e outras tubulações ejetam ar sugado do convés, não tem claraboia e a porta de entrada é metálica e acionada eletricamente, os beliches são seis na altura, os corredores são estreitos e mal permitem a circulação, o compartimento é apinhado de gente e só comporta nossa companhia, estando a maioria deitada nos beliches, em pé não tem espaço para todos.

As refeições são duas ao dia, já fiz a segunda refeição a bordo com a organização que destaca o americano: a cozinha, higiênica e bem controlada, alimentação é boa e abundante.

Registro nº 19**8 de Fevereiro de 1945**

De manhã o navio suspendeu âncora e a costa brasileira foi ficando longe. O convés do navio está coalhado de soldados. Imóveis e calados olhamos o litoral ficar aos poucos um mini no horizonte, até confundir-se com a neblina.

Sentado num canto do convés, lápis e caderno na mão, passei sem ser pressentido, a vista nos demais. Apanho com os olhos, as impressões estampadas nos rostos dos colegas, sentados e em pé ao meu lado.

Não há máscara nesta hora, há tristeza em quase todos, alguém de vez em quando murmura algumas palavras, que um desconhecido ao lado, respondeu maquinalmente.

O momento é grandioso!

Não há fraquezas, mas há uma coisa profunda em todos... Ainda não ouvi alguém contar alguma anedota...

Apesar de tudo, não me sinto triste.

Avalio perfeitamente a grandeza do momento, sei que muitos dos presentes, já tem o próprio destino selado. E quem sabe o meu também não está?... Não encontro palavras para definir o que sinto agora!... quero porém ser duro e forte nesta jornada.

Conseguirei isso???...

Registro nº 20**12 de Fevereiro de 1945**

Alguns dias passaram, monótonos e chatos a bordo. O navio singra veloz o oceano Atlântico, aproxima-se o Equador e o calor é intenso, mar calmo e brilhante.

À noite, fechados no compartimento, deitado no beliche, sofro um banho de suor contínuo. O ar é viciado ao extremo.

O transporte, navio moderno, abriga em seu bojo, seis mil expedicionários fora a tripulação. Deve alcançar umas trintas milhas horárias. Porém, viajamos em zig-zag e em voltas imensas; a escolta é composta de três destroieres e um cruzador e aviões que sobrevoam constantemente o comboio.

Além do pessoal de bordo, viajam perto de nós mais dois comboios e de vez enquando lançam aparelhos para patrulhar o mar.

Alguns deles voam a pouca altura, arrastando com um cabo um balão vermelho, dão voltas ao navio, e toda vez que passa veloz e perto, as metralhadoras e pequenos canhões antiaéreos abrem fogo, procurando destruir o balão.

É a diversão de bordo e apostamos qual é o lado do navio que primeiro consegue explodir o balão vermelho e luminoso...

Registro nº 21**13 de Fevereiro de 1945**

Passamos hoje a linha do Equador!

Noto que vamos no sentido Nordeste-Leste, a continuar assim, breve estaremos costeando a África do Norte. A situação geral permanece a mesma.

O mar camarada, continua majestosamente calmo. Massa imensa azulada, embala levemente o navio, com movimentos de gigante adormecido. Todo dia tem exercício de salvamento e tiros e quase sempre com o concurso da aviação.

A noite, o nosso suarento sono, sempre é agoniado.

Muitos bebedouros automáticos de água gelada refrigeram um pouco. Higiene, controle e rapidez logo identificam o americano.

Na cerimônia de passagem do Equador, procurei um lugarzinho sossegado e de lá fitando o horizonte a Oeste, fiquei pensando que, longe muito longe, seguindo a linha do meu olhar, ficava localizado o pequeno ponto da costa paraense, onde vive a minha mãe e os meus.

ADEUS SOL, ainda hei de ver-te brilhar novamente sobre o Equador.

Registro nº 22**14 de Fevereiro de 1945**

Viagem em linha reta hoje, dia rotineiro e monótono.

Os altos falantes, nos ensurdecem com músicas barulhenta.

Sonhos de glórias e rápido regresso, de mulheres lindas e fáceis, otimismo em muitos, pessimismo em poucos, eis um dia normal a bordo.

O vento norte, que sopra com força, já traz nos ares o prenúncio de que o frio se aproxima. Estamos em pleno hemisfério Norte!

Registro nº 23**15 de Fevereiro de 1945**

Termina mais um dia desta estafante viagem. Recolhi-me há pouco ao compartimento.

Fecharam as portas de saída ao convés, vamos passar uma noite cercados por paredes de aço, sem saída alguma.

Pergunto-me sempre, o que acontecerá se um submarino nos torpedear?...

Ao entrar no corredor de acesso, olhei o sol se pondo. Esfera vermelha e agora já fria, tentava mandar até nós os últimos tímidos raios do dia e de calor, porém, o vento implacável, anulava tudo, pondo arrepios de frio na costa.

Registro nº 24**19 de Fevereiro de 1945**

As duas da tarde avistamos terra!

Montanhas à direita, marcam o continente Africano. O navio aproxima-se rapidamente agora distinguem-se prédios brancos, no verde escuro dos morros.

Numerosos navios, que também demandam o Mediterrâneo, são alcançados e deixados pelo nosso navio e escolta, muito mais rápidos. Navios de guerra americanos cruzam por nós em sentido contrário. Saem do Mediterrâneo rumo ao Atlântico.

À esquerda também aparece terra, é a Espanha.

À direita surge uma cidade, é Tanger, a cidade internacional!

Já estamos em pleno estreito de Gibraltar, e a montanha rochosa aparece ao nosso lado esquerdo.

Sete anos atrás, sulcava essas mesmas águas em sentido contrário!!!. Quanta diferença!!!.

O rapaz daquele tempo, com 17 anos que voltava ao Brasil, e ao seio da família, era muito diferente do soldado que retoma agora para a Itália!.

Há sete anos, na proa do transatlântico Conte Grande, admirava o mesmo panorama de agora!

Os sonhos de então eram rosados, talvez ainda um pouco infantis.

Os demais passageiros daquela viagem, uma alegre miscelânea de gente e raças, eram divertidos. Músicas, danças, conforto absoluto, em todos, os camarotes grandes e só para dois... A situação agora é bem diferente... E não é a família que me espera na chegada!.

A nossa escolta despede-se, dão a volta ao navio e a toda velocidade passam Destroíers apitando enquanto os marujos acenam freneticamente. É comovente!!!

O comandante dos destroyers brasileiros despede-se pelo rádio desejando a todos nós, uma Boa Sorte...

A escolta ficou em Gibraltar, daqui em diante navegaremos sozinhos. Passamos de Gibraltar áspero rochedo, abrupto e severo, que abriga em suas entranhas de canhões! Mais uma cidade, Ceuta.

E agora, em nossa frente, estende-se o Mediterrâneo.

Neste nome encerra-se séculos de histórias e lutas. Nas margens deste mar floresceram as mais famosas civilizações do mundo. Aqui se travaram as mais cruentas lutas da história.

E por ironia da sorte, ou da própria história, aqui vamos nós, do novo mundo. Singrado "Il Mare Nostrum" dos romanos, para abreviar, o desfecho da maior de todas as guerras que já se travaram..

Registro nº 25

20 de Fevereiro de 1945

Navegamos em pleno Mediterrâneo, o vento sempre forte e frio, não deixa demorar no convés. Só os mais ávidos de novidade, enfrentam a gélida carícia do vento. Eu sou dos mais teimosos...

Cerca das três horas, passamos em frente de Argel, grande e histórica cidade; militarmente importante.

Surpreendi-me em verificar que estávamos na costa da Argélia, pensava que fôssemos em linha reta até Nápoles, que é o nosso destino.

Parece que o navio prefere a proteção aérea dos campos da costa Africana. Amanhã estaremos em Nápoles. Estão distribuindo rações frias para dois dias.

Registro nº 26

22 de Fevereiro de 1945

Chegamos em Nápoles, quando subi ao convés a Ilha de Capri ia ficando longe, a frente a cidade, por trás o Vesúvio, expelindo uma tênue fumaça.

No cume de um morro eleva-se antigo castelo, deve ser Castel S'Antelmo.

Ao nosso lado passa célere um cruzador leve quase inteiramente preto. Arvora bandeira Italiana e na popa leio o nome "Montecuccoli". De todos os lados vejo navios americanos.

No porto, os efeitos da guerra são impressionantes.

Devia ser um gigantesco porto, calculado pelos destroços, que dele ainda resta. Conferi 58 carcaças de navios afundados, que deixam aparecer os mastros e chaminés.

Mas na parte mais funda do porto, tem mais navios completamente submersos. O mar calmo hoje, cobre a todos com um lençol de água verde!

Cais destruídos... Atracamos, são cerca de nove horas, um sol frio, timidamente brilha no céu! Uma leve brisa sopra do mar; breve desembarcaremos...

Ao pisar novamente em terra Italiana, senti-me satisfeito.

É um grande dia e seja como for, um grande acontecimento, que tão cedo não se repetirá em minha vida!

Volto o pensamento á Deus e agradeço-o pela viagem sem incidentes, entrego aqui o destino do meu caminho a ele. E ele me guiará.

Deixo o navio. A companhia desembarca, adeus navio, fostes um grande, um seguro amigo, adeus.

Últimos minutos a bordo do USS 116 General Meigs!

V.

Registros de n.º 27 a n.º 31 do Diário de Campanha
23 de Fevereiro de 1945 a 26 de Fevereiro de 1945

- I. Em Bagnoli da Itália.
- II. Requisitado como intérprete.
- III. Rumo ao norte abordo do Sestrieri.
- IV. O drama dos Scugnizzi.
- V. Castelos nas montanhas do Apenini.



Registro nº 27**23 de Fevereiro de 1945**

Primeiro amanhecer em solo Italiano. Estamos alojados em grandes prédios de uma ex-colônia de férias para juventude Mussoliniana.

Nas paredes, inscrições, nomes e adeus em Italiano, Alemão, Inglês, Filipino e também em Português, demonstram que há algum tempo, muitas raças de gente, passaram por aqui, alguns deixando nas paredes a marca dos seus pensamentos, naquela hora.

Nomes e mais nomes, datas, todas elas evocando dramas! Cruzes gamadas, pintadas a carvão, sujam as paredes, lembranças deixadas pelos soldados de Hitler.

Ninguém ainda se preocupou em apagá-las.

Encontramos também nomes e datas de outros praças do 6º RI e do 11º RI, foram os primeiros a chegar e capricharam nas lembranças de paredes.

Fizeram-nos tomar banho quente, depois inspecionados novamente, os médicos americanos, são rigorosos, qualquer bolha, coceiras ou irritação na pele, separam logo o afetado.

Distribuíram a todos roupa nova, própria para inverno, um grande capote, galochas, e um "saco cama", que é um seguro abrigo para dormir no tempo...

Fui requisitado logo para intérprete, a maioria do pessoal que trabalha aqui, são italianos; assim já estou sendo útil e melho um pouco o meu conhecimento da língua, pois já tinha esquecido muita coisa.

Hoje o primeiro sacrifício de guerra! Não teve almoço, nem jantar quente, em compensação aplicaram em todos vacina anti-tífica.

As rações frias distribuídas no navio, amenizaram a situação, deitados no chão abrigados no saco cama, passamos a segunda noite na Itália.

Registro nº 28**24 de Fevereiro de 1945**

Partiremos amanhã para o Norte, a viagem é de navio.

Recebi mais uma manta, troquei várias outras peças, acondicionei tudo dentro saco de viagem, bem volumoso e capaz de levar-me até o Pólo Norte.

O vinho napolitano é bom e forte, após vários anos experimento novamente vinho puro.

Na cantina comprei chocolates, cigarros e outras coisas. Depois vendi os cigarros a 100 liras o maço. Os italianos compram qualquer quantidade, para revender fora.

Registro nº 29**25 de Fevereiro de 1945**

Estou de novo à bordo de um navio, o Sestrieri.

Depois de poucas horas dormidas no piso do alojamento, a alvorada encontrou-me acordado tiritando de frio!!

As sete horas o nosso batalhão o 4º seguiu para o cais. Embarcamos em grandes e feios caminhões e num só comboio, seguimos para o porto.

Novamente e agora melhor, pude ver os vestígios dos "quatro dias de Nápoles". A guerra é uma coisa estúpida!.

O navio é italiano. E novo, porém desorganizado, nas chapas e placas leio que o nome é Sestrieri, foi construído em Taranto. Os beliches são do mesmo tipo do Meigs, porém tudo é anarquizado.

Vamos avançar para a primeira refeição e a espera de minha vez, risco essas linhas. O Edir e o Palmeira são vizinhos de beliche...

O sol agora mais quente, brilha no céu. O panorama do porto é um grande quadro infernal de destruição, foi tudo arrasado.

Um bando de garotos sujos, segundados por outros bando de homens maltrapilhos gritam do cais, para jogarem latas de conserva e outras coisas.

São os Scugnizzi, este é o nome dado a todos esses garotos, futuros delinquentes, que surgem dos bairros mais pobres dessa populosa cidade. São unidos, são perigosos e agora estão armados.

Em cada beco escuro, em cada teto, em cada cano de esgoto, tem escondidos metralhadoras, balas e granadas! Foram segundados pelas mulheres dos operários, o povo de Nápoli enfim, que tomaram a cidade aos alemães.

Em quatro dias, centenas de garotos, foram fuzilados, mas em cada beco, em teto, os companheiros armavam ciladas.

Com armas tomadas de surpresa aos próprios alemães, com outras que aviões aliados deixaram cair, com telhas, água quente e fogo, vingaram os mortos e expulsaram os alemães.

São um pouco orgulhosos e não respeitam autoridades. Os americanos deixaram eles folgados e já estão se tornando perigosos.

Registro nº 30**25 de Fevereiro de 1945**

Partimos, o navio singra rápido as águas do golfo. Passamos ao lado de muitos navios, de várias nacionalidades.

Capri apareceu envolta em um véu de neblina, e não pudemos distinguir bem. Ao contrário a Ilha de Ischia, foi contornada a pouca distância pelo navio.

Claramente viam-se as casas desta pequena ilha, bastante interessante e pontos de turismo, depois á noite calmamente começou a descer seu escuro manto.

O navio agora, está rumando francamente ao Norte. Vejo isso pela lua cheia que surge.

Onde iremos?... Para Livorno?... ninguém o sabe!

Registro nº 31**26 de Fevereiro de 1945**

Navegando na costa italiana.

A dormida foi ótima, beliche é sempre melhor que tábuas ou do cimento frio do piso! Café não teve, toda comida aqui é conserva, porém boa e suficiente.

O navio segue escoltado por uma corveta, também italiana.

A direita vemos as montanhas dos Apenini.

Em cima de um alto pico, não muito longe da costa, eleva-se antigo e grande castelo. Quadrado, muralhas altas, em cada ângulo ergue-se uma torre redonda, no centro dominando tudo, outra torre redonda, maior e mais alta e mais volumosa das outras.

Majestosa massa, que vem sofrendo há séculos à afronta das intempéries do tempo. Quantas lutas devem ter sido travadas aqui?... Todos esses castelos, tem numerosas páginas na história.

Pelo o que li e o que perguntei aos marujos do navio, o Sestrieri desloca 10.800 toneladas e faz 24 Km por hora.

VI.

Registros de n.º 32 a n.º 39 do Diário de Campanha
27 de Fevereiro de 1945 a 15 de Março de 1945

- I. No acampamento de Staffoli.
- II. Lembranças da adolescência.
- III. Revendo amigos em Santa Maria Del Giudice.
- IV. Seleção e treinamento para o Pelotão Especial.
- V. Na triagem em Pistóia e no QG da FEB em Porreta Terme.
- VI. Transferido para o Serviço de Inteligência e Informações da FEB.



Primeiras notas tomadas neste acampamento de Staffoli, próximo de um pinheiral: Chegamos ao porto de Livorno a tarde e de lá descendo direto do navio para um comboio de caminhões todos abertos, fomos nos afastando do cais e formando uma grande fila de caminhões, em média cada um carregava vinte soldados e suas bagagens e equipamentos.

Sentados em bancos baixos; dez de cada lado e os sacos amontoados no meio do caminhão... completando o embarque, a fila de caminhões era grande, as 5:20 horas da tarde começamos a viagem já escurecendo.

Como um sonho, tomei a passar por estradas, onde outrora passei em bicicleta! Logo alcançamos Pisa, minha muito conhecida, todos comentavam a torre inclinada... Eu mentalmente pensava que já havia subido até o topo dela; calado temendo me acordar de um sonho, escutava os outros.

Pela estrada, que de Pisa vai a Lucca, cujas curvas e árvores conhecia. Logo chegamos a Bagni de San Giulano Terme.

O relógio do edifício marcava exatamente 6:15 em ponto, lembrei-me que muitas vezes levantei a vista, para consultar as horas... Como é a vida!!! Talvez alguns desses curiosos, que olhavam o comboio passar já me viu garoto, pedalar nesta mesma estrada...

Com velocidade agora passamos por Molina de Quosa.

Lembro-me que aqui neste Villaggio, passei quinze dias em veraneio.

Agora, vestígios de luta, desfilam perante nossas vistas, demonstrando que aqui se lutou, Riprafatta passou, havia aqui na margem direita da estrada, uma fonte de água que saía direto das entranhas do monte Penna e ali muitas vezes parei para tomar água fria e límpida, água mineral perfeita. Ainda estava lá, olhei-a como se fosse uma velha amiga! Sentia-me emocionado!!!.

Tomamos a outra estrada, La Firenze-Mare, que de Firenze em linha direta, leva a Viareggio.

Centenas de pontes demolidas pelos alemães, que fizeram voar tudo antes de abandonar.

Ao longe a esquerda avista-se muitas luzes, é Lucca. A antiga cidade aparece, aparentemente intacta, trás das muralhas e fortificações do século XV.

Conheço esta cidade como a palma de minha mão.

Aqui entre outras coisas, terminei o meu 2º grau escolar!

Uma grande e avermelhada esfera, eleva-se por trás dos montes, iluminado o comboio, era a lua. Por toda parte eleva-se uma poeira branca.

Na noite, agora um tanto clara, segue a longa coluna de caminhões, levantando uma nuvem de pó.

Dentro dessa nuvem que anda, milhares de vidas, seguem sem um destino seguro. Pouco depois é Staffoli. Aqui neste paese, estive em 1935 ou 36, para assistir a chegada de uma corrida de bicicleta! Ironia da Vida!

Aqui termina a viagem, logo a frente surge uma densa Pineta, é um pinheiral onde vamos ficar acampados.

Após muitas delongas, fui incluído numa companhia, a 8ª do 2º batalhão, este é o meu novo endereço.

Comigo, além de muitos paraenses, o Edir Teixeira Mendes e o Juarí Carrera Palmeira. Como não teve jantar, para acalmar o estômago, apertei mais um buraco de cinto!

De manhã o café, embora fraco, foi por todos saudados alegremente.

Há dois meses não tomávamos café, no meio na confusão da nossa chegada, o nosso almoço não foi previsto e não chegou para nós. Distribuíram uma lata de conserva fria. É assim a guerra! Se continuar assim receio morrer de fome, antes de ver a cara de um alemão.

Registro nº 33

28 de Fevereiro de 1945

Trabalho duro hoje!

Temos de armar uma barraca de campanha, para dez. Sem ferramenta própria, para destoucar e plainar o solo e ainda colocar a barraca no alinhamento com as demais, os outros nove, todos paraenses, com uma moleza irritante me ajudaram.

De baixo de frio intenso, cheguei a derramar gotas de suor. O Edir Teixeira Mendes, o Juarí Carrera Palmeira e outros que conheço, há poucas horas, são meus companheiros de barraca.

Registro nº 34

4 de Março de 1945

Após dias eis-me aqui novamente.

E noite acabou de chegar. Consegui uma permissão e estive dois dias em Santa Maria Del Giudice, levei comigo o Edir e o Juarí Palmeira.

Após vários anos, tornei a ver esses lugares, tão cheios de boas recordações para mim. Aqui a guerra não destruiu nada, muitos me conheceram logo, mas tudo está mudado.

Garotos que eu deixei, encontro agora homens, encontrei ainda meus avós por parte de mãe, vivos e fortes, uma tia, uma prima, outro primo e muitos conhecidos.

Um primo, dois anos mais novo de mim, foi fuzilado pelos alemães. Chamava-se Renzo Giusti. Crescemos praticamente juntos. O irmão dele Alvaro Giusti da minha idade, encontra-se prisioneiro na Inglaterra. Através da cruz vermelha, regularmente manda carta para os pais.

Embora em classes separadas, frequentamos a mesma escola e sempre nos encontrávamos e falávamos. O Álvaro era companheiro no time de futebol da escola. Quanta saudade e recordação senti nesses dois dias.

Renzo, sempre jovem impetuoso e com idéias antifascistas, por fim, ultimamente odiava os alemães.

Com outros jovens de mesma idéia, formou um grupo rebeldes pertencentes aos “Partigiani”. Um dia foram denunciados, eram cinco, estavam dormindo numa choupana, no Monte Faeta. Quando o dia vinha raiando, os alemães cercaram a choupana.

Sem que pudessem esboçar defesa, foram metralhados, meu primo foi atingido com oito balaços.

Coitada da mãe dele!

Dois filhos; um aprisionado longe, outro fuzilado perto de casa.

O pai dele, Francesco, chorou quando me viu e me abraçou soluçando!

Eu nem sei como fiquei! Mas aí nesta altura, jurei a mim mesmo, procurar um jeito de vingar meu primo Renzo, como?... Não sei! Mas a lembrança dele será meu estímulo se um dia tiver oportunidade não hesitarei, o sangue deles jorrará resgatando o teu que encharcou parte dessa terra...

Registro nº 35

6 de Março de 1945

Fui incluído agora mesmo num pelotão chamado especial, soldados selecionados no físico e no tempo de serviço, não haverá recrutas.

Cada companhia selecionou um grupo de homens, o batalhão inteiro formará um pelotão de voluntários para a missão.

Recebemos oito dias de instrução rápida e especial, noite e dia, para embarcar em seguida para o *front*.

Recebemos outro impresso minucioso para preencher e assinar. A instrução termina às 5 horas, o jantar sai logo em seguida, das 6 às 8 da noite sessão de cinema educativo, a partir das 8 livre até às sete do dia seguinte.

Registro nº 36

9 de Agosto de 1945

Acordei com um violento troar de artilharia.

O *front* em linha reta deve estar à uns vinte quilômetros de distância.

Noite e dia se sucedem, sem que um surdo murmúrio de canhão se cale. Porém, há momentos que o murmúrio aumenta até se tornar violento, apesar da distância!

Se for de noite então ficamos acordados, enrolados, no saco cama, ouvindo... É possível dormir assim na dura cama, feita de galhos de pinheiro, olhos fechados, escuto esse incansável rugido.

Não sei se é uma ameaça ou um convite... De vez enquanto alguém tossindo ou se mexendo, me fez saber que não sou só eu a viver inquieto...

A instrução é pesada e inclui todo tipo de armas existente no exército americano, devemos manuseá-las e atirar com elas.

Conhecer e desarmar todo tipo de minas anti-pessoal usadas pelos alemães localizá-las levemente enterradas, procurar os detonadores, desligá-los e neutralizar a mina e removê-la do terreno.

Isso altamente perigoso e muitas minas explodem ferindo e matando pracinhas.

Só a noite após as oito horas é que tenho folga, ai desço até Stafolli, para tomar um vinho e rever a cara de alguns paraenses e outro conhecidos...

Às 11 horas, já estou de volta para dormir e enfrentar pela manhã, a dureza de um outro dia instruções, quase sempre ministrada por oficiais e sargentos americanos.

Registro nº 37**12 de Março de 1945**

Hoje recebi duas cartas de casa, uma da Líria outra do velho. Foram escritas no dia em que embarquei no Rio, mas sempre foi uma alegria.

Ao meio dia, na hora do almoço recebi ordem de apresentar-me ao comando do batalhão.

Fui lá e vi pela primeira vez, o Major Batista comandante do batalhão.

Na barraca de campanha havia outros oficiais, um capitão perguntou-me o nome e após conferir um papel (era o impresso que tinha preenchido há dias), perguntou-me se eu falava e escrevia italiano, respondi que falava perfeitamente.

Aí outro oficial entrou na conversa, pegou um papel e apresentou-se como Tenente Martinelli, do serviço de inteligência da FEB.

Falou fluentemente em italiano e eu tive a oportunidade de dialogar. Ficou bem impressionado pelos meus conhecimentos.

Saímos da barraca e fomos andando um pouco, sempre conversando em italiano, era carioca e que durante muitos anos havia estudado em Grosseto, uma cidade da Toscana e falou que tinha gostado do meu jeito e conhecimentos, precisava uns sujeitos capazes, para o PC dos regimentos no *front*.

Anotou a minha companhia e o número da minha barraca.

Devia manter-me pronto no outro dia, de manhã cedo iríamos viajar. Não disse para onde, mas apenas: – *Reúna seu material, enquanto eu providencio no comando da oitava companhia a sua transferência e é só.*

Registro nº 38

13 de Março de 1945

Estamos aqui em Pistóia no centro de triagem há uma hora.

Tomamos outro café e leite quente, com presunto, pão e mingau de aveia, para espantar o frio.

O Tenente está tratando com o comandante do centro, Major Miller. Somos oito e viemos numa viatura média Dodge.

O Major quer embarcar também uns, dez soldados feridos, com alta do hospital, quer trocar a viatura média, por um caminhão para levar todos.

O Tenente não gostou da idéia e está argumentando na sala de comando. Mas, como mandaram descer nossa passagem do Dodge, presumo que o Major ganhou a parada.

Aproveito a oportunidade para riscar esses apontamentos.

Já chegou um caminhão e mandaram por nossa bagagem em cima. Vejo aproximar-se um grupo de soldados sem bagagem, irão conosco. Saíram ontem de um hospital de Livorno, conforme disseram e voltam a suas unidades de origem agora no *front...*

Entre eles... um 2º tenente está trajando roupa de soldado e causou-me surpresa... Indagado pelo Tenente Martinelli, respondeu ao mesmo e todos ouvimos, que chegou ao hospital de Livorno, numa ambulância com roupa suja de sangue, terra e lama; aí passou vestir pijama do hospital.

Quando deram-lhe alta, não havia roupa e nem divisa de oficial e passou a usar o que lhe deram, roupa de soldado...

Registro nº 39

15 de Março de 1945

Estamos aqui em Porreta Terme há quase dois dias.

No comando geral da FEB, fomos apresentado ao Major Del Corona, chefe do nosso setor; gauchão quase careca, nos acolheu bem, fez logo uma longa preleção ao término da qual, se apresentou mais ou menos assim:

– *Lembrem-se que, aqui a discipção e o sigilo são essenciais. Somos uma tropa independente dentro da FEB. Somos o serviço de inteligência e informações do comando. Todos aqui tem uma especialidade, procurem ser: eficientes, responsáveis e o conjunto funcionará a contento, sempre que tiverem necessidades procurem somente sargentos e oficiais da nossa companhia e é só.*

Com isso nos dispensou, mudei de número agora sou o 202, até poucas horas antes era 5239, também melhoraram meu equipamento.

Recebi um "Combat Boot", dois pares de meia de lã, barrete pesado, tomaram meu fuzil Winchester e me deram em troca uma submetralhadora Thompson menor, mais leve e mais mortífera.

VII.

Registros de n.º 40 a n.º 45 do Diário de Campanha
20 de Março de 1945 a 2 de Abril de 1945

- I. Prunetta: a primeira missão no pelotão especial.
- II. Civis, cabras e ovelhas na Patrulha.
- III. A importância de Passo Della Futa e da Rota 64.
- IV. Batismo de Fogo no Dia de Páscoa.
- V. Chuva de Granadas de Morteiro em “Nossa Casa”.
- VI. A Ofensiva da Primavera entra em curso.



Chuva fria e insistente hoje, estrada lamacenta.

De novo jogo o saco em terra e aqui estou. Vamos ficar agregados a um contingente encarregado da defesa da guarda, das pontes e da estrada.

O lugar onde estacionamos é onde os caminhões já estão tratando de voltar, é no fim do que resta de um paese e de várias vilas espalhadas, chamado Prunetta, em plena montanha, altitude de 840 metros.

Prunetta fica numa garganta, um desfiladeiro formado por uma seqüência de altas montanhas.

A estrada larga devia ser uma estrada importante.

Os alemães foram expulsos há 15 dias. Americanos pretos, lutaram pela posse da estrada, da vila, das pontes e das montanhas. Dezenas de casas destroçadas, erguem para o céu resto de paredes esburacadas.

Nosso objetivo é um pouco à frente.

A nossa espera um pracinha e um cabo, todos encapotados, se afastam de um resto de uma parede de casa, onde estavam se abrigando do vento frio que sopram nas valadas e inferniza a nossa vida. Vieram para nos guiar até o nosso destino.

O resto da caminhada é a pé, cartazes em italiano, em inglês e português, nos avisam a não pisar fora da estrada, a área toda foi minada pelos alemães, e ainda não foi desativada.

Após uma hora de subida, pela estrada esburacada, chegamos a uma plana, próximo a um rio, que despenca das montanhas.

A nossa direita uma grande casa destruída, é a sede do pelotão responsável pela defesa das duas pontes.

Fomos entrando até adega, a única parte segura do prédio, no porão espaçoso, diversos compartimentos abrigam uma salinha, onde vemos um telefone e um rádio de campanha sob uma mesa.

Nas outras salas, camas, sacos-camas, sacos espalhados para todo canto, junto há armamentos e roupas usadas, uma barafunda.

Um segundo sargento comanda aqui.

Nós somos dez: um 3º sargento comanda o grupo, a especialidade dele é taquígrafo, os demais falam inglês, alemão, polonês, italiano e russo, além de conhecer a fundo explosivos, minas, comunicação de rádio e direcionamento de tiro de artilharia.

O telefone nos liga ao PC do 6º RI postado a nossa direita, na altura da montanha.

O nosso objetivo?

Pelo telefone nos é revelado agora, colher informações com civis, prisioneiros alemães se possível fazer contato com Partigiani e verificar as posições dos alemães além das pontes.

Aqui faz muito frio, vamos nos preparar para passar a noite.

O jantar foi latas de conserva aquecidas numa lata de água, colocadas em cima de três pedras de fogo de galhos de pinheiro, embaixo.

Após o jantar eu e o nosso 3º Sargento, o Madruga, falamos com o 2º Sargento que comanda aqui; assunto: precisávamos iniciar nossa missão de coleta de informações. Iríamos começar por Prunetta, queríamos alguns pracinhas, conhecedores da pequena cidade, que nos guiasse até lá e fomos eu e o Sargento Madruga, mais três do nosso grupo e três guias.

Levamos barras de chocolate e alguns maços de cigarro.

A pequena cidade, têm ainda em pé dois bares ou café, como chamam e a noite alguns paisanos se reúnem lá, para tomar vinho.

Entramos e comecei a bater um papo com os donos e alguns fregueses. Indaguei se haveria possibilidade de alguém lavar alguma roupa para nós, se haveria chance de encontrar alguns Partigiani (guerrilheiros), distribuímos alguns cigarros e chocolates, (artigos de luxo agora aqui), enfim quebramos o gelo.

Acertamos que no outro dia, iríamos levar roupas suja e sabão e me poriam em contato com alguns elementos da região, além das nossas linhas.

Tomamos diversos copos de vinho e nos deram um travesseiro cheio de penas finas de pato.

Surpreso, perguntei para que era aquilo?

Explicaram que, as penas finas colocadas dentro da bota e depois enfiando o pé nas meia de lã, protegem o pé do frio, evitando congelamento. É que as penas enfiadas entre o couro do sapato e a meia, servem como isolante, para o frio e umidade.

Fizemos inclusive uma demonstração...

Enfim, lá pelas 23 horas, saímos para o nosso posto... prometendo voltar no outro dia.

No retorno, a estrada em subida e vários copos de vinho no estômago, proporcionavam um calor agradável.

Eu apertava um travesseiro grande cheio de penas, para me abrigar do vento frio, que soprava das montanhas...

Ninguém se preocupava mais com as minas nem cartazes pedindo cuidado e tudo parecia róseo...

Registro nº 41

26 de Março de 1945

Há três dias estamos aqui.

Voltamos duas vezes a Prunetta, levamos roupa suja, sabão, (precioso aqui) fizemos mais conhecimentos com paisanos... Já arranjei uma avó e talvez uma pequena... A Cosetta, assim é o nome...

Encontrei e conversamos com dois Partigiani, parecem muito bem informados. O Sargento Madruga, taquigrafando tudo.

Pelo telefone conseguimos contato com o Tenente Martinelli, vai enviar um jipe, um pouco de café em pó, chocolates e um pacote com açúcar de 5 quilos e sabão grosso; que prometeram mandar.

Sinto que o comando está procurando outra alternativa mais fácil que rota 64 muito bem defendida pelo alemães.

Talvez via Prunetta para o passo De Le Piastre, seja mais fácil romper o ferrolho alemão, forçando a passagem dos blindados americanos, rumo a planície Padana.

Registro nº 42**16 de Abril de 1945**

Saímos numa patrulha o Sargento Madruga e o nosso grupo, mais dez homens de guarnição da ponte e um Partigiano. Fomos até as duas pontes já recuperadas e que unem as duas valadas bem altas e empinadas.

A partir daqui é a terra de ninguém, o alemão pode estar a 400, 200, 100 metros ou quem sabe... estava nos olhando calmamente, para nos surpreender numa emboscada.

Com cuidado para não tropeçar em minas, estamos subindo pela colina, rastejando em silêncio e procurando vestígios dos alemães, um rádio portátil de curto-alcance nos une com o comando do pelotão e mantém informado sobre o que vemos a nossa frente.

Nosso objetivo é chegar perto do cume de uma colina, onde segundo o Partisano, tem, ocultado pelo pinheiral, diversos canhões.

Estamos esquadrinhando toda área com binóculos e até onde alcança a vista. Procuramos localizar os canhões e um ponto de referência perto, que possa servir de orientação para a aviação ou a nossa artilharia destruírem essa força camuflada.

Todo cuidado é pouco...

Temos um mapa e um pracinha do nosso grupo, especialista em cartografia, vai anotando e transmitindo a retaguarda o que vemos a nossa frente.

Formamos um grupinho de cinco, o Sargento Madruga, o Partigiano, que nos orienta, eu que faço a ligação do Partigiano para o homem do rádio e o sargento.

Os demais nos dão cobertura, avançando pelo flancos, a frente e a retaguarda. Dois especialistas em minas vão a frente, procurando limpar o caminho para nós, pouco antes de chegarmos ao cume da colina, o Partigiano fez sinal para nos reunimos a ele, estão aí e apontou para um trecho plano naquela pineta!

Com os binóculos focalizamos atentamente o local, mas a princípio nada vimos, depois, contrastando com a brancura da neve, vimos vagamente umas sombras se mexerem.

A cerca de 300 metros, com os binóculos podíamos ver camuflados cobertos com a copa de alguns pinheiros menores, uns volumes não identificados.

Uns 200 metros a esquerda da pineta, a margem da estrada, erguiam-se os escombros de quatro casas, sendo a maior a mais danificada.

O rapaz do mapa ajudado pelo Partigiano, caprichou em localizar no papel a posição das quatro casas demolidas e da pineta.

Pelo rádio, o Sargento Madruga comunicou o cumprimento da missão e pediu permissão para retrairmos antes de sermos notados. Permissão concedida, tratamos de voltar rapidamente, pelo mesmo caminho percorrido.

Meia hora depois, já longe da crista, descendo pela valada, longe da vista do alemão, satisfeitos com o êxito alcançado, uma surpresa nos aguardava: foram avistados a nossa direita vultos, pulando, se escondendo, tornando aparecer, com o binóculo por um instante apenas, consegui enquadrar aquilo que me pareceu uma ovelha; depois uma cabra e um pouquinho atrás um homem encapotado, se esgueirando de um pinheiro para outro, olhando para todos os lados.

Não acreditava no que via, mas a evidência não deixou dúvida, era um civil tocando à sua frente uns animais...

Falei com o Sargento rapidamente, nos espalhamos no rumo de onde vinha descendo o homem, fizemos um semicírculo e esperamos que o elemento caísse no meio.

Postei-me em pé atrás de um grosso pinheiro, enquadrando o homem no binóculo e com a Tompsom engatilhada fiz sinal ao Sargento e expus um plano, que precisávamos pegar o homem vivo.

Ele deveria ter visto as posições alemães antes de chegar a nós, portanto, podia ser boa fonte de informações e o comando precisa delas..

Eu ia me deslocar com cuidado, para ficar em frente a ele, os demais apertando o semicírculo, dariam-me cobertura, caso alguém mais viesse escondido perto dele, o Madruga prometeu atirar se eu ficasse em perigo.

Minutos depois, as ovelhas nos pressentiram e pararam, o paisano também compreendeu, que não estava mais só, parou em pé, atrás de um pinheiro olhando para todos os lados.

Aí eu falei, pedi em italiano que não se assustasse, viesse na direção de minha voz, caminhasse lentamente e com os braços erguidos... E o homem veio!

O sargento com os demais o mantinham sob mira das armas.

O homem perguntou quem eu era, respondi que não se preocupasse que nada de mal lhe aconteceria.

– *E as cabras e as ovelhas?.. o homem aflito perguntou...*

– *Bem, respondi, procure trazê-las devagar e em silêncio para a frente e procure marchar entre nós. Vamos para a retaguarda, antes que os alemães nos percebam o terreno está minado, venha com calma para onde estou.*

Quando chegou perto e me viu, apontei a Tompson e disse-lhe que parasse, perguntei se estava só e o que estava fazendo?.. Há quatro dias estava tentando atravessar a linha de fogo, para por a salvo a vida e os poucos animais que ainda possuía.

Aí viu os demais companheiros e vendo-se cercado ficou meio apavorado, sempre falando com ele e com calma consegui em parte tranquilizá-lo e começamos novamente a descer, desta vez com mais um civil, seis cabras e oito ovelhas, quase uma arca de Noé...

Chegamos ao nosso posto e abrigo, pelo telefone o sargento Madruga informou o comando do Batalhão.

Enquanto isso, eu bombardeava de perguntas o homem das cabras, que nesta altura tinha fumado três cigarros, comido conserva e um tablete de chocolate e estava à vontade...

Quando consegui falar pelo telefone com o Tenente Martinelli, fiz ver que eu devia levar o homem das cabras, o Partigiano e o especialista em mapas, pois achava que tinham muita informações a tirar a limpo...

E a presença daqueles canhões... dava à pensar muita coisa...

Martinelli prometeu mandar uma Dodge à Prunetta

Na mesma hora nos deslocamos para lá, o paisano queria deixar as cabras e ovelhas entregue à algum civil, achei justo e prometi ajudá-lo.

Instalamos as cabras do homem com um paisano de Prunetta, logo em seguida chegou uma viatura Dodge e lá fomos nós!! Eu o Sargento Madruga e mais dois do nosso gupo, o paisano e o Partigiano.

No comando muita agitação... Muitos boatos... Depois da apresentação do civil e o Partigiano, dois elementos preciosos para uma nova e completa apreciação da situação e possibilitar uma ação diversificada, na véspera da ofensiva da Primavera..

Em resumo, o Tenente Martinelli nos disse o seguinte:

– *O Comando do 5º Exército Americano decretou o início da ofensiva da Primavera, que finalmente quer acabar com as forças Alemães na Itália.*

Para superar a barreira natural dos Apenini e abrir caminho para as forças blindadas americanas, só tem três ou quatro passagens ou desfiladeiros, com estradas largas e pavimentadas.

A melhor e mais importante é o passo Della Futa, que delimita a área de ação do o exército americano ao 8º Exército Inglês, é uma estrada que liga Firenze a Bolonha, seguindo um desfiladeiro, que historicamente foi sempre o caminho preferido dos Romanos, para atingir o norte da Itália e as Nações da Europa Central.

Mais Tarde, foi o caminho dos bárbaros que em sentido contrário, atingiram Roma, por aí durante séculos, passaram os Gallos do Rei Brenno; Aníbal, a frente do exército Cartaginês; Atila, à frente dos Unos; os Godos de Witiza, os Erulos de Genserico, os Suevos de Alarico, os Longobardos, os Visigodos, os Ostrogodos, e mais recentemente Napoleão, todos em épocas diferentes forçaram a ferro e fogo a passagem deste desfiladeiro.

Hoje, o passo Della Futa divide a Itália em dois setores; que vai no sentido Sul/Norte, a esquerda do passo, até o mar Tirreno é o setor do 5º Exército Americano, onde situa-se a FEB; a direita do passo até o mar Adriático fica o setor Inglês com 8º Exército, onde lutam além dos ingleses, Poloneses, Hindus e Australianos.

O segundo desfiladeiro em importância é a Rota 64, dominada pelo Montes Belvedere, Monte Castelo e um pouco mais ao Norte, Montese e Monte Buffone, verdadeiro ferrolho, que fecha a estrada.

Entre a Rota 64 e o passo Delle Piastre, situa-se a FEB. A Rota 64 é a estrada Pistóia Modena e o passo Delle Piastre, une Lucca à Parma.

O Tenente Martinelli diz que a noite vai ter importante reunião de Generais em Porreta Terme, onde deverá ser traçado um plano de campanha a partir de abril, exigindo muito empenho da FEB.

Diariamente chegam comboios de caminhões, trazendo pracinhas de Staffoli e Pistóia. É a tropa que vem preencher os claros e baixas desses últimos meses. Assim sendo, a primeira medida será reorganizar todas as unidades e, depois, a arrancada...

– *Por hoje está terminado, diz o tenente Martinelli, peguem a xepa e depois podem se divertir um pouco em bares, salões de danças etc. Aproveitem, amanhã o Major Del Corona dará instruções a todos nós...*

Registro nº 43

31 de Março de 1945

Do QG da FEB em Porreta Terme, o Major Del Corona, logo no alvorecer, mandou avisar a Companhia especial, para se preparar para o café, após o qual queria a companhia em forma.

Logo mais, o gaúcho a frente da companhia, mais ou menos se expressou assim:

– *Terminou a folga, a partir de hoje o comando vai exigir o esforço concreto de todos e muito da gente, e nós precisamos estar a altura...*

Antes de mandar debandar, fomos passados em revista, por oficiais do Estado Maior do 11º RI.

Entre eles, um capitão americano, adido ao comando da FEB, alto, fala razoavelmente português, tipo atleta é o oficial de ligação com o Comando Americano...

Mas, segundo o Tenente Martinelli é uma eminência parda e vale muito mais do que parece.

Seu nome: Vernon Anthony Walters, Capitão na época, afável, insinuante, sempre se mostrou amigo de oficiais e soldados.

Anos depois no Brasil, assumiria um papel importante no episódio 31 de Março de 1964.

Mas voltando ao nosso destino, terminada a revista, Martinelli nos mandou de volta a Prunetta, dizendo: – *mais tarde darei instruções por telefone. Possivelmente irei também a Prunetta, ciao.*

Assim nos dispensou.

Registro nº 44

1º de Abril de 1945

Chegamos há pouco a Prunetta, aliás desta vez o caminhão nos deixou perto do nosso posto.

Alguns tratores, operados por uma tropa de americanos negros, consertavam a estrada, taparam todos os buracos e tornaram transitável a estrada, até as duas pontes.

Aliás, o pequeno rio que passa sob as pontes, e que separa a área da FEB, da área de atuação americana, portanto, a nossa esquerda, temos um regimento de americanos negros, que inclusive defendem as pontes.

A partir desta defendida pelo 6º RI, numa linha irregular, por causa dos montes, a FEB, tem sua área de combate, que se estende até a rota 64, onde começa a região de responsabilidade de 100ª Divisão de montanha, americana do 5º exército.

Poderosa unidade, que com outras duas divisões americanas cobrem o resto do front, a começar da rota 64 até o Passo della Futa, que divide a área do 5º exército americano do 8º exército inglês.

Lá pelas 10 horas da manhã, um avião de reconhecimento, começou a sobrevoar o nosso abrigo e a valada das pontes, depois seguiu para a crista sobrevoando em todos os sentidos, as linhas alemães, que se mantiveram em silêncio.

Pelo telefone, o Sargento Madruga comunicou ao Tenente Martinelli a ocorrência. Devem estar mapeando a área, tenham cuidado, não se denunciem aos alemães, com isso encerrou a comunicação.

A tarde do mesmo dia, um major e um tenente vieram num Jeep, inspecionar a nossa posição, foram até as pontes já restauradas e reforçadas, por tropas de americanos negros.

Demoraram tempo no binóculo e comparando fotografias, e um trecho ampliando num mapa, tomavam apontamentos... Terminaram no nosso abrigo, onde tomaram uma coisa quente chamada café, vários goles de vinhos e ... para satisfação geral de todos subiram no Jeep e foram embora.

Hoje é dia de Páscoa.

O cozinheiro caprichou um pouco nos bifés e frangos que mandaram para a gente. Todo dia um caminhão nos traz mantimentos, munições e o que for preciso, a comida é feita num fogão a gasolina ainda durante o dia; à noite ficamos sempre no escuro...

Queríamos ir a Prunetta, mas o 2º Sargento, que comanda o posto, comunicou que tinha recebido ordem para ninguém se afastar do posto...

O motorista do último caminhão à sair daqui, falou para nós que logo abaixo de Prunetta, estava sendo concentrada uma numerosa tropa de artilharia americana, com muitas peças pesadas e muitas munição...

O 2º Sargento está com a metade da tropa dele fora do abrigo, na chuva que cai, montando na posição adequada duas metralhadoras ponto 30.

O Sargento Madruga, agora está no telefone em comunicação direta com a nossa companhia em Porretta Terme, e de lá explicam o seguinte: uma patrulha alemã, aproveitando a chuva, atacou um posto avançado do 6º RI, destruindo-o.

Enquanto isso, protegidos por este barulho, outra numerosa patrulha no meio da chuva, que violentamente desaba, infiltrou-se na valada.

Foram vistos de um posto de escuta e observação, habilmente camuflado num pinheiro. Sem ser hospitalizados, os alemães passaram deste posto.

Pelas informações do observador, devem ser mais de 50 (cinquenta) e trazem dois morteiros.

As ordens são defender a posição se atacados, continuar imóveis e no escuro esperando. Comunicação sempre aberta.

Tive que sair também.

Recebi quatro granadas de mão, no caso dos alemães chegarem perto...

Apesar da chuva e da neblina branca que o vento carrega flutuando sobre nós temos uma tênue claridade aqui fora, a chuva lentamente começa a ensopar a todos, a capa não protege completamente o capote...

Até agora ninguém viu nada...

O telefone chama com insistência e chegam novas notícias, a patrulha alemã procura as pontes, isso é bem claro.

Eles conhecem bem o local, o mês passado eram eles que estavam aqui, como as pontes estão um pouco à nossa frente e à esquerda, é impossível que eles venham bater aqui.

Novamente a recomendação, vigilância máxima agora. A guarnição da ponte vai recepcionar os nazistas.

No silêncio da noite, apenas quebrado pelo soturno cair da chuva, todos molhados, tremendo de frio, ficamos colados ao chão ouvidos atentos...

Finalmente a nossa esquerda, um rasto de uma coisa subindo rasgou a escuridão, logo, seguida por outras línguas de fogo.

Eram *Very-Lights*, raios luminosos.

Subiram e ao descer explodiam, soltando magnésio e fósforo em abundância. A valada ficou iluminada a dia.

Logo o tiroteio iniciou.

As metralhadoras da guarnição da ponte, varriam os pontos escuros e móveis, que procuravam abrigos da claridade, que os cegava.

Breve os morteiros responderam, e o som da "Lurdinha" também se fez presente, com longas rajadas, apelidadas de "Rasga-Trapos"...

Estamos nos flancos dos nazistas que não sonham com a nossa presença.

O Sargento Madruga solicitou ordem para surpreender os nazistas e entrar no samba.

Mas as ordens que chegaram, foram precisas.

Devíamos ficar imóveis, eles tem um rádio e agora estavam falando ruidosamente com a retaguarda deles.

Certamente para orientar o fogo da artilharia. Se nos pressentissem agora, sobriariam também granadas para nós.

Os alemães procuram se afastar querem voltar.

Entretanto um ronco forte, dois, três reboam pela valada, o assobio característico das granadas logo seguido pela explosão... o canhão 88 protege a retirada dos nazistas de muito longe, artilharia alemã dirigida pelo rádio da patrulha, procura as pontes.

É o inferno, já não se compreende mais nada, o deslocamento do ar, os estampidos das granadas de artilharia que vem de longe, as explosões das granadas de morteiros atiradas de perto pela guarnição da ponte à procura dos atacantes, estes respondendo também com fogo de morteiros e granadas anti-tanques, protegendo a própria retirada, nos deixam atordoados e meio surdos...

Alguma coisa ruge longe à nossa retaguarda, são os calibres pesados.

Americanos que participam da festa, é o diabo.

Intensificam-se em cima de uma ponte uma verdadeira chuva de granadas, que ainda não atingiram em cheio nem uma, das pontes.

Incêndio estão se ateando mesmo na chuva, devem-se ser as barracas perto da ponte, que agora estão queimando.

Chuva de *very-light*, também atiradas pelos alemães, mantém a valada e as pontes sob intensa claridade, apesar da chuva, da neblinas e da fumaça e das explosões, do nosso posto vemos sombras se deslocando atrás dos pinheiros, do meu ponto, distingo perfeitamente vários grupos de Alemães, se retirando lentamente, estão a pouco mais de duzentos metros...

Na valada os obuses da artilharia divisionária, também entram na festa. Velhos pinheiros, são arrancados e jogados como palitos.

Pelo telefone pedem que nós orientemos o angulo das ganadas.

O Sargento Madruga faz uma ponte telefônica, que passa pela nossa companhia em Porreta-Terme, daí conectado a outro telefone do comando divisionário, que de lá passa a informação ao grupamento de artilharia, isto é a guerra moderna...

Há uma certa demora que permitem os alemães, tentarem se safar.

A artilharia deles já alcançou em cheio uma ponte destruindo-a, agora a outra vê o fogo se concentrar em cima dela.

Os nossos obuses vieram, mas caíram longe, pela informação do Sargento Madruga, a segunda descarga quase nos pega em cheio, retificadas novamente pelo nosso Madruga, estão agora perseguindo os alemães que tratam de fugir.

Vemos as chamas alaranjadas das explosões não muito longe da gente, fiquei meio surdo...

A chuva cai violenta porém nada sentia, penso até que estava com calor, naquele frio.

Agora a segunda ponte voa pelos ares e provoca um incêndio e muitas explosões. Deve ser alguma gasolina e munição estocada pelo pessoal da ponte, chamas e fagulhas sobem no meio da fumaça...

Granadas de mão explodem mais acima, o inimigo retrai defendendo-se. O 88 continua martelando a estrada, das pontes só o lugar e uma fogueira.

É claro que a missão da patrulha foi orientar a destruição das pontes. Cumprida a missão, fogem como ratos, no meio da noite.

Devem ter pisado em alguma das próprias minas, pois ouvimos explosões conhecidas... Na valada, agora no meio das luzes que se apagam sob um concerto infernal de gritos...

Padioleiros e feridos se chamam, para abreviar a dor de uns, para acabar com o Diabo da maçada de outros.

Continuem com a vigilância normal, e descansem o restante do tempo, assim ordena o telefone.

É madrugada, e o dia não demorará a surgir, a chuva indiferente a tudo, caindo; calado, meio atordoado, procuro descer até a adega.

Mudei de roupa e sem sono, risco essas linhas á luz fumacenta e quase vermelha de nossa lamparina.

Hoje muita atividade, no nosso setor, desde as 4 horas da madrugada, além das contínuas explosões na crista desta valada onde se desenvolvem pesados combates, a nossa posição perdeu a calma dos dias passados.

Estamos sob uma verdadeira chuva de granada de morteiros.

Elas caem a esmo, sem destino certo, mas durante algumas horas, acabam com os nervos de qualquer um.

O problema é que ontem ao meio dia chegou em caminhões, mais uma companhia do 6º RI, vieram reforçar o setor onde está situada a outra companhia da mesma unidade, subiram a pé a vertente íngreme das encostas, em menos de uma hora sumiram de nossas vistas, se aproximando da terra de ninguém.

Paralelo a isso, também uma tropa de engenharia americana, veio refazer as pontes, embora o volume d'água do pequeno rio, hoje esteja bem volumoso, em conseqüência da chuva de ontem.

Junto a isso, também uma tropa numerosa de infantaria americana foi descarregada perto do lugar das pontes e procuram atravessar o rio, para reforçar o setor deles.

Em conseqüência de todos esses movimentos, o alemão farejou alguma coisa e está mandando uma chuva de presentes, para a recepção aos novatos.

Exceto o pessoal da guarda, que fica disseminado por fora, entocados em *fox-hole*, o restante está abrigado na adega, que chamamos "Nossa Casa".

O Madruga não larga o telefone e como já estamos camaradas, permite-me ficar perto para ajudar no que for possível, após umas duas horas de conversar mole no telefone, o Madruga conseguiu falar com o tenente Martinelli, ai passou-me o telefone.

Sabe que existe uma certa afinidade minha com o tenente e o Madruga declina de seus direitos hierárquicos...

Em resumo, o tenente Martinelli falou o seguinte:

– Está em curso em todo front Italiano, do mar Tirreno ao Adriático, a ofensiva da primavera, a FEB preenchido seus claros com novos efetivos, está participando da arrancada no setor dela a tropa alemã que ontem destruiu as pontes, sofreu severo bombardeio de artilharia ontem mesmo.

Agora a tarde, como o tempo melhorou, permitindo visibilidade, uma força de aviões bombardeiros americanos, despeja toneladas de bombas, enquanto isso, na base de Pontedera, o grupo de caças brasileiro está com os aviões prontos para chegar no setor, logo que os americanos terminarem.

Os caças deverão varrer com metralhadora todas as posições dos alemães, que já compreenderam ser inevitável, a retirada deles.

Amanhã esses caras estarão longe e esses fogos de morteiros devem ser para não deixar a munição intacta e também, para intranquilizar e criar neurose em nós.

Aliás, vou solicitar ao major, ordem para amanhã você voltar aqui onde será mais necessário. Não pensem nas granadas e procurem descansar, amanhã será um dia mais agitado.

VIII.

Registros de n.º 46 a n.º 53 do Diário de Campanha
3 de Abril de 1945 a 14 de Abril de 1945

- I. Na Rota 64 em direção à Montese.
- II. Mortos e Feridos em Casone.
- III. Ação em Il Cerro.
- IV. Em Combate com o 6º RI e o 11º RI.
- V. Nos Apenini entre Montese e Rio Panaro.
- VI. Preparativos para o Vale do Rio Panaro



Registro nº 46**3 de Abril de 1945**

Estou novamente em Porreta Terme, embora por poucas horas.

Vamos sair novamente, o comando vai ser transferido mais próximo da linha de combate.

Recebi duas cartas de casa, uma da mamãe, outra da Líria, estão bem de saúde, ao menos isso! Quase toda semana escrevo cartas para o pessoal de casa, falando só amenidades...

O tempo melhorou e o movimento aéreo também.

Diariamente ondas de aviões, passam rumo ao norte passam pela manhã e voltam mais tarde. São centenas em cada grupo, imagino os estragos causados por cada onda dessas.

Registro nº 47**5 de Abril de 1945**

Viajamos pela Rota 64, embora cheia de crateras de granadas mal aterradas fomos passando, não vejo placas indicativas da localidade, viajamos em cima de caminhões praticamente amontoados, para nos defender do vento frio.

Paramos e soltamos num encruzo de estradas enquanto serviam café quente, dei uma olhada na localidade.

Duas casas intactas em meio a outras danificadas. Fui até lá, encontrei uns civis, o local é um piccolo paese de Castel d'Aiano.

Estamos juntando informações, o comando está fortemente interessado no setor de Montese, segundo o Tenente Martinelli, o passo delle Piastre é apenas uma ação de despistamento, o objetivo é a rota 64.

Por ela é que a FEB vai abrir caminho e quebrar o ferrolho alemão.

O próximo objetivo é Montese por onde passa a rodovia.

Uns garotos italianos mostram seis cruces, que assinalam onde foram enterrados seis alemães.

Era a guarnição de uma peça antiaérea.

Um avião de mergulho, liquidou com todos, nas seis cruces brancas, diversas datas de nascimento e uma só, 22-11-1944, assinala a morte prematura de todos.

Registro nº 48**8 de Abril de 1945**

Fomos mudados novamente, agora estamos num Paesello chamado "Casone", conquistado após dura luta hoje de manhã cedo.

Casas ainda fumegando...

Um comboio de ambulâncias, chegou conosco e num hospital de campanha recebem uma carga de feridos, apenas tratados com curativos de emergência e morfina, muito sangue manchando as gases das bandagens de emergência, vão ser evacuados para o hospital de Livorno.

Fui assistir o embarque.

Nunca tinha visto tantos feridos e tanto sangue juntos.

Na expressão de todos, já anestesiados pela morfina, só vi indiferença e cansaço, a maioria sonolentos, alguns em estado de choque, cobertos por duas mantas de lã, para mantê-los quentes, olhar fixo, imóvel...

Me afastei triste!!!

Registro nº 49

9 de Abril de 1945

Ainda em Casone, chegaram caminhões trazendo comida quente, após quatro dias, só comendo conserva fria, todos se animaram.

Algo quente no estômago não faz mal!

Grupinhos numerosos, apesar da proibição, iam se formando, rodeando bidões e panelões, tudo de improviso, uma chuva de granadas de 88, varreu a esmo, vários pontos da encosta e da estrada.

O vozerio do pessoal e o barulho dos caminhões passando, impediu à todos de ouvir a aproximação das granadas, que sempre fazem um barulho característico...

Uma caiu perto de nós!

Eu estava andando, um jato de ar quente, sacudiu-me todo, fiquei meio surdo, não sei se caí ou me joguei. Sei que logo estava estirado no chão contundido, atordoado, rosto colado na terra, olhos fechados ouvidos alerta..., esperando o assobio de outras granadas...

Vários gritos de socorros e gemidos, fizeram-me voltar a realidade.

Levantei a cabeça e percebi gente correndo perto de mim, aí me pus de pé, me apalpei todo, para ver se não tinha nada quebrado, pois sentia-me todo dolorido, olhei para cima da crista, e de lá só vinha o surdo murmúrio do combate travado além da crista.

Do hospital de campanha saíram padioleiros e enfermeiros, vinham ver o que tinha acontecido.

O primeiro que atenderam foi um sargento, um estilhaço quebrou-lhe o braço esquerdo, que ficou estranhamente comprido.

Fizeram-lhe um tomiquete, para estancar o sangue, acomodaram o homem numa padiola, e rapidamente o carregaram para a barraca hospital.

Algumas vezes no balanço da padiola, o braço escorregava da maca e ficava balançando no ar, sem controle...

Diversos feridos leves, foram carregados por soldados para as barracas hospitalares.

Um pouco adiante, um praça foi atingido na costa, estava virado de bruços, já tiraram a japona, camisa etc...

Pela costa nua desce o sangue com força, o homem está ficando amarelo. Toda vez que, puxa o ar, bolhas vermelhas saem das feridas, atingiram o pulmão dele!

Um enfermeiro grita, por plasma, mas ninguém atende, me aproximo e me ofereço, para ver se posso ser útil em alguma coisa...

O enfermeiro sacode a cabeça negativamente e murmura:

– *Se não receber transfusão e não se conseguir estancar a hemorragia... em poucos minutos, o cara morre...*

O sujeito em questão, um soldado branquinho, baixinho ouve tudo, nada diz e nem pode dizer... os olhos inquietos viram-se para todo lado, num desespero eloqüente! (levarei muitos meses para esquecer a súplica muda, estampada naquele olhar).

Ajoelhei-me ao lado dele segurando um braço, para o enfermeiro aplicar morfina... Um médico passou rapidamente, olha o ferido, ausculta rapidamente o coração, depois balança a cabeça e dirigindo-se ao enfermeiro diz baixinho, vamos atender os outros, lamento mas não tem mais jeito.

Dois padioleiros se aproximam, ajudo a colocar o ferido na maca e os acompanho até a enfermaria... onde fui barrado.

Voltei lentamente..., de passagem, vejo outro soldado atingido acima do ouvido, sangue descendo copiosamente...

Outro atingido na altura do estômago. Não agüentei mais.. Lentamente afastei-me para o abrigo.

Precisava descansar e pensar... Diabos enfim, escapei!!!... por pouco.

Lá em cima da crista, crepita a metralhadora. Breve será noite, mais uma noite mal dormida, noite de sobressalto..

Registro nº 50

10 de Abril de 1945

Amanhecemos hoje em Il Cerro, um lugar à direita de Caselano, que foi ocupado ao amanhecer de hoje por tropas do 1º RI, logo em seguida, chegamos.

A cobra está fumando por aqui, cooperando conosco um grupo de Partigiani, no momento estão sendo interrogados alemães recém aprisionados e diversos civis, estamos checando as informações obtidas dos alemães.

O Tenente Martinelli está ansioso por notícias, o Major e o Comando querem informações urgentes e precisas; pelo que me é dado compreender nos saímos a direita da rota 64, procurando desbordar de Montese.

Il Cerro está um pouco mais longe do objetivo que é Montese, inclusive esta área, pertence a tropa da 10ª Divisão de Montanha Americana.

Os Partigiani foram lançados à frente, para objetivamente verificar quantas unidades de alemães estão defendendo, essas posições.

Compreendo que estamos testando as defesas, a direita de Montese, apenas para distrair a atenção do inimigo e também, buscar se possível uma alternativa mais fácil, para contornar Montese.

Uma companhia inteira do 2º Batalhão do 1º RI está empenhado em combate testando as forças alemães, aferradas ao solo à nossa frente.

A aviação está sobrevoando as linhas alemães, metralhando e despejando bombas.

Por sua vez, o alemão com fogo oriundo de morteiros, martela a nossa vanguarda. A tarde foi constatado, que os alemães estão reforçando com novas unidades, o setor de Il Cerro.

A Artilharia Divisionária Brasileira bombardeia sem cessar, as posições inimigas... com isso tudo, estamos ficando surdos.

A noite com a chegada de prisioneiros alemães, a confirmação: novas unidades inimigas estão entrincheiradas a nossa frente...

Martinelli diz que o ataque surpresa à Il Cerro, Créda, La Torre e Paravento não surtiu efeito total, mas de qualquer modo tirou tropas alemães de Montese, que hoje continua sendo o objetivo n.º 1 da FEB.

Registro nº 51**13 de Abril de 1945**

Ao alvorecer, vento gelado, gola do capote levantada, tentando abrigar as orelhas, só a boca e o nariz do lado de fora, ao respirar, soltávamos vapor pela boca, queixo encostado no peito, parecíamos mais ursos do que gente.

Viajamos horas de caminhão, encolhidos curvos, amontoados para proteger-nos do frio que nesta madrugada, deve ter oscilado entre 15 a 20 graus abaixo de zero.

Depois saltamos; à frente a estrada ainda estava obstruída e minada, seguimos a pé.

Fomos incluídos numa extensa coluna do 6º RI que subia a serra para reforçar outros efetivos do 6º, que ontem a tarde, tomaram novas posições e agora sofrem constantes contra-ataques dos alemães.

Viajamos mais de duas horas a pé, subindo em fila indiana pela encosta da montanha, o esforço físico nos proporcionou um pouco de calor.

A batalha prossegue cerca de um a dois quilômetros acima, *Very Light*, alemães e aliados, se cruzando constantemente no ar e as granadas explodindo, numa coloração alaranjada, misturando tudo isso com a neblina que vem prenunciar o novo dia, formam uma claridade pálida, prateada,

diferente do branco brilhante das cristas ainda nevadas, nesta claridade e fumaça, vemos os contornos das cristas desses montes, onde se trava a luta, pela posse definitiva dos mesmos.

Paramos, os caças minas na frente, procuram abrir outro caminho mais a direita para nós.

Caímos numa área minada e já houve baixas na vanguarda da coluna.

Prosseguimos em silêncio, fila indiana, procurando pisar no mesmo lugar do companheiro da frente. Nosso destino é o PC do 11º RI, já em pleno curso, a tanto esperada ofensiva da Primavera.

Uma parte de nossa companhia foi solicitada, o Major Del Corona em pessoa, está comandando.

Ao amanhecer, chegamos ao atual PC de um batalhão do 11º RI, um velho casarão semi-destruído, em cuja adega nos abrigamos do frio e dos obuses.

Algumas elevações nos protegem da vista direta dos inimigos.

– Mas há uma semana eles estavam aqui, conhecem todos esses vales e sempre de dia e de noite, mandam tiros de inquietação, portanto procurem sempre se abrigar.

É o alerta do pessoal do 11º RI.

O Major Del Corona está em conferência com oficiais do 11º RI.

O nosso grupo se comprimiu num canto sentado amontoados, procurando descansar, aquecer-se e dormir um pouco.

Registro nº 52

13 de Abril de 1945

Ao redor das três da tarde, um sol vermelho e frio, brilha no céu cinzento, um vento impertinente sopra do norte, vem dos Alpes gelados e aqui estamos, acima de mil metros de altitude.

A neve continua brilhando nos cumes e ninguém pode ficar muito tempo desabrigado, parado, exposto ao tempo, ou seja, ao vento implacável.

Apesar das luvas, as mãos e os pés ficam insensíveis e duros, limpam a estrada das minas e obstáculos.

Chega um comboio de caminhões, além de munições, trouxeram comida quente, café e leite a vontade e chocolate em barra, enchi o cantil e a marmita e me recolhi na adega, nosso alojamento por hoje.

Passamos das 9 da manhã até as 2 da tarde, ouvindo, interrogando, Partigiani e civis, que atravessem as linhas de fogo, alemães capturados pelo pessoal do 11º, durante a luta de ontem e hoje de manhã.

Os taquígrafos anotando tudo e passando ao comando.

Da retaguarda, chegaram os filmes tirados ontem e hoje de manhã pelos caças de reconhecimento, o pessoal especializado nisso está decifrando.

Aqui é o PC do 2º Batalhão do 11º RI, só mineiros, comandados pelo Major Orlando Ramagem, enérgico, combativo e muito popular em sua tropa, deixa o nosso grupo completamente à vontade, abriga-se também, em outra sala da adega com outros oficiais do seu batalhão. Estamos em algum lugar nos montes Apenini entre Montese e rio Panaro.

Registro nº 53

14 de Abril de 1945

Cinco horas da manhã, a cobra está fumando, acordamos com barulho infernal de centenas de peças disparando sobre posições alemães.

As granadas passam alto, uivando sobre nossas cabeças e caem para lá da crista, mas, no escuro da noite, podemos ver o reflexo no horizonte, ao explodirem.

Em pé e em silêncio, ouvimos o major nos prevenir, as 7 horas, dois batalhões do 11º RI vão atacar as linhas alemães, este aqui, o 2º, continuará aqui até ter espaço na frente, o 6º RI começou a chegar, durante a noite e amanhã estará tudo aqui, pronto a penetrar na brecha que o 11º abriu hoje.

O 1º RI amanhã estará aqui também, com um batalhão.

Talvez, nós seguiremos os batalhões do 11º RI ainda hoje, talvez amanhã, depende do desdobramento do ataque.

Devemos estar prontos, pegar café reforçado, o que puder, leite, presunto, mingau quente, rações K para 3 dias, barra de chocolate e cigarros, verificar armamento, equipamento e munições.

Deixar o saco de roupas na adega e vamos esperar ordens, ninguém pode se afastar do grupamento.

O velho Del Corona está impassível, pensativo, gauchão bom da peste, está aí mesmo! Vez ou outra, maquinalmente coça o queixo, sinal de nervosismo nele. Sabemos disso, deve estar sob muita tensão.

O canhoneio continua implacável, ensurdecedor. Obuses de maior calibre da artilharia americana começaram, também a martelar as posições alemães, que continuam em silêncio.

Por causa das dúvidas, tirei as galochas e botinas.

Verifiquei se os 2 pares de meias de lã que uso, estavam enxutas, friccionei os pés durante minutos, tomei a calçar as meias, e coloquei nas botinas penas novas e finas de pato, enfiei os pés e por cima coloquei o que pude de penas enxutas, depois apertei os cordões das botinas, limpei as galochas por dentro, coloquei novas penas nas galochas, enfiei as botinas limpas e enxutas e apertei os gampos.

Com a tripla proteção, meias, penas, botinas e galochas, sentia uma agradável sensação de calor, sentia os pés, sabia que estavam vivos, queria conservá-los intactos até sair dos Apenini.

IX.

Registros de n.º 54 a n.º 60 do Diário de Campanha
14 de Abril de 1945 a 29 de Abril de 1945

- I. A Batalha de Montese.
- II. Esquadrão de Reconhecimento do Capitão Pitaluga.
- III. 24 anos completos em Vila Emília.
- IV. O inimigo em derrocada.
- V. A rendição da 148ª Divisão Alemã em Collecchio.



Grande movimentação de tropas, o objetivo comunicado na ordem do dia, a todas as unidades da FEB, é tentar a penetração no vale do rio Panaro, a nossa frente e ao lado da rota 64.

Precisamos cortar a via Emilia ao norte.

Abrimos o caminho aos blindados americanos, para alcançarem a estrada e apanhar pela retaguarda os alemães, que defendem os Apenini.

Para alcançar isso, só há dois caminhos que são dois desfiladeiros: O passo da Futa e a rota 64.

A FEB e a 10ª Divisão de Montanha Americana, tentando o desfiladeiro Della Piastre, ou a rota 64, enfim o vale do rio Panaro.

Há uns 20 quilômetros da retaguarda, divisões blindadas americanas e inglesas, prontas para romper, na primeira brecha que surgir.

Na FEB, a disputa agora é saber, qual a primeira unidade, a declarar aberta a estrada.

Bombardeio intenso e constante desde a madrugada. Só para um instante quando chegam os aviões despejando chuvas de bombas a nossa frente.

Estamos a cerca de 500 metros, do que resta de Montese.

As tropas do 11º RI penetraram na cidade e lutam de rua a rua, casa a casa.

A Rota 64, passa pela cidade e o alemão entrega palmo a palmo, enchendo a estrada de escombros e minas de retardamento.

Agora a Artilharia Alemã entrou na dança e atira sem cessar, sobre a nossa vanguarda e a própria retaguarda.

Trabalhamos febrilmente, para colher informações, ouvimos prisioneiros, feridos, Partigiani e os poucos civis que aparecem.

Procuramos saber, sobre concentrações de artilharia, fortificação, casamatas além de Montese, para poder dirigir o fogo da artilharia, em cima dos redutos alemães.

Pessoal do nosso grupo, já está preparado, e no início da noite vão sair rastejando, até próximo dos pontos detectados, e de lá com o rádio, dirigir o curso dos tiros da artilharia em cima dos alvos.

Além do armamento leve, carregam TNT e tubos plásticos articulados, se derem sorte, podem explodir uma casamata até 200 metros de distância, são os nossos comandos...

O alemão não esconde mais a própria artilharia, que vomita sem cessar chuva de granadas.

Montese está sendo triturada pouco a pouco.

Esperamos a noite e com ela contra-ataques alemães, não haverá trégua, essa estrada é vital.

Nas montanhas os imensos recursos blindados americanos são inoperantes, mas se alcançarem o lado oposto dos Apenini é o fim dos alemães.

Eles sabem disso e aqui jogam a última cartada da guerra na Itália.

Fumaça das explosões, incêndios, poeira de prédios desabando, o mau cheiro dos explosivos, o cheiro acre do tritol das granadas do 88 e dos morteiros, travando a garganta e o nariz, a fumaça nauseante do TNT, das minas, o gás irritante da cordite tornam irrespirável o ar, deve fazer frio, mas ninguém sente!

Nesta excitação estamos aturdidos e insensíveis.

De vez enquanto evacuam feridos carregados a ombro, são pracinhas, alemães e civis, estes em maior quantidade, são garotos, mulheres e velhos, foram apanhados pelo ataque, abrigados nas próprias casas.

Os que não morrem entre os escombros saem apavorados e são apanhados por estilhaços e também rajadas.

Nesta loucura tudo o que se move, é alvejado.

Curativos de emergência, é tudo que recebem e aplicam morfina, para acabar a dor, daqui descem em padiolas, até as ambulâncias.

Nosso estoque de chocolate e rações frias foram distribuídas aos civis, é temível, ver um garoto olhar apavorado tudo que fazemos.

Já é escuro, a noite vem caindo mas a luta prossegue e sabemos que vai endurecer mais ainda, vamos nos organizar para isso.

Registro nº 55**15 de Abril de 1945**

Durante a noite sofremos dois duros contra-ataques, mas o 11º RI continua avançando a esquerda e direita de Montese.

Na madrugada os alemães para não ficarem cercados, abandonaram a cidade, porém continua fustigando com artilharia e fogo de morteiros.

Do nosso grupo há duas noites ninguém dorme.

Os americanos da 10ª de Montanha estão combatendo e expulsando os alemães das elevações da margem direita.

O 6º RI durante a noite, tomou posição a esquerda da estrada, avança visando os montes: Buffone e Montello a 5 quilômetros ao norte de Montese, são as últimas elevações fortificadas dominando a rota 64, depois é o vale do rio Panaro, sem muitos obstáculos naturais e depois, a planície e a via Emília.

Unidades motorizadas americanas com grandes tratores estão tratando de retirar os escombros e tornar transitável a estrada.

Frequentemente explosões de minas atrasam o serviço.

O esquadrão de reconhecimento motorizado do Capitão Pitaluga chegou há pouco e traz um comboio de caminhões, com tropas do 1º RI quer forçar a passagem da estrada mas, ainda não dá.

Vão dormir aqui mesmo e amanhã de madrugada vão tentar passar, se os tratores conseguirem durante a noite limpar a estrada, no perímetro de Montese... E se os alemães deixarem...

Agora é uma rápida sucessão de deslocamento.

Registro nº 56**17 a 22 de Abril de 1945**

Dia 17 de abril, saímos de Montese, nosso destino, acompanha o vale do rio Panaro. Dia 18 de abril, debaixo de chuva, atingimos Ranocchio. Dia 19 de abril passamos por Bertocchi.

Dia 20 amanhecemos em Casellano, na margem direita do rio Panaro, praticamente sem descanso e sem dormir.

Aqui a progressão do nosso grupo parou.

Nesta hora, imensa coluna de blindados americanos e tropas carregadas em caminhões irromperam a nossa frente.

Dia 22 de abril, atravessamos o rio Panaro, o esquadrão motorizado do Capitão Pitaluga, neste dia, já tinha alcançado a via Emília.

Registro nº 57**24 de Abril de 1945**

Dia 24 de abril passamos o rio Secchia e ficamos parados descansando perto da via Emília.

A guerra praticamente está terminada.

Hoje é o meu aniversário, completo 24 anos!...

Correm notícias favoráveis no Comando... O inimigo está para entregar os pontos, várias divisões estão cercadas. As divisões Blindadas americanas, abrem caminho na via Emília.

Vi passar uma e fiquei impressionado com a quantidade de veículos e apetrechos bélicos, tanques pesados, carregados sobre carretas apropriadas, tanques leves, rodando sobre rodas de borrachas, caminhões carregados de soldados, caminhões rebocando peças de artilharia pesada, outros cheios de munições e atrás, outros caminhões tanques de combustíveis, outros carregados de tambores e por fim mais tanques leves fechando a retaguarda, e mais caminhões com munições, víveres e ambulâncias.

Passaram com boa velocidade, o alemão não tem mais aviação e não pode combatê-los com vantagem.

Parma já foi ocupada, Reggio e Piacenza são os objetivos de hoje, depois Milão, já sitiada pelos Partigiani.

O alemão está quebrado, os que aqui resistem, são guarnições locais e bolsões que nada mais influem, e que não podem mais se reagrupar.

Breve estaremos no rio Pó, onde o alemão procurará, fincar os pés.

Centenas de aviões cruzam o espaço em todos os sentidos.

Consta que afinal a guerra está para terminar, embora termine hoje esse inferno numa vila qualquer da via Emília-Itália.

Registro nº 58**25 de Abril de 1945**

O diabo está solto, há dias que viajamos a pé rumo ao norte, estamos em plena planície Padana.

Superamos após muitas lutas, a serra dos Apenini, que agora estão a nossa retaguarda. Muitos mortos e feridos, muito sangue derramado, para conseguir isso.

O inimigo está em derrocada.

Não oferece mais resistência, foge para não ser cercado e aprisionado.

No momento fala-se que só no rio Pó, nele concentra-se todo esse esforço. Passamos por dezenas de vilas e pequenas cidades, e nada de alemães.

Paramos há duas horas, a poucos quilômetros ao sul de Collecchio; teremos de entrar lá amanhã; a artilharia divisionária está acampada a pouca distância daqui.

Alguma coisa parece não estar direito. Este avanço sustado de improviso, não é nada bom.

Alguém deve estar pressionando o Major Del Corona, pois o mesmo está ansioso por informações, mas não há alemães por perto e os civis que tem por aqui não sabem também o que aconteceu a frente...

Porém, um paisano, conhecedor profundo de toda essa rede de estrada, informa que na altura de Collecchio, poucos quilômetros a frente, na via Emília, converge uma estrada, que vem de La Spezzia, atravessa os Apenini, onde recebe dezenas de outras estradas secundárias e alcança a via Emília, na altura de Fornovo.

Acha que alguma unidade alemã tenha se retirado por esta estrada na tentativa de alcançar a via Emília, antes dos aliados.

Prontificou-se a ir comigo no Comando; primeiro Martinelli e depois o Major se interessaram pelo assunto e passaram a informação a retaguarda.

Mais tarde chegou a confirmação, eles já sabiam disso e a aviação já os tinha detectados. Parece tratar-se de uma tropa bem numerosa, daí a nossa parada... Pouco mais tarde, a artilharia começou a deslocar-se.

Registro nº 59**28 de Abril de 1945**

Raiou hoje um dia de sorte em Collechio, uma pequena vila ao sul. É tarde agora, são 17 horas, mas só agora pude riscar essas linhas. Assisti a uma parte de um grandioso espetáculo.

A rendição de uma Divisão Alemã, a 148º GU, ontem a tarde, para a artilharia divisionária.

Saiu daqui, rebocada por caminhões.

Lá pelas 10 horas da noite começou um nutrido canhoneio, no rumo da via Emília, a nossa frente. Durante o restante da noite, continuou violento até o alvorecer do dia, aí calou.

O nosso pelotão foi solicitado a frente e aí, passamos de Collecchio, alguns quilômetros a frente, saímos de via Emília, pegamos outra estrada rumo a Fornovo até chegarmos a um PC de um batalhão de infantaria.

Havia prisioneiros alemães, começaram a ser interrogados pelo pessoal competente. Havia também Partigiani e muitos civis, todos foram ouvidos...

Um grupo de Partigiani foram lançados além das nossas linhas.... Entre os civis apareceu também um Padre de um Paesetto, entre as duas linhas de combate próximo a Fornovo.

Nesta altura, chegou o coronel Nelson de Mello e o Estado Maior da FEB, o padre se ofereceu para mediar com os alemães a rendição da tropa alemã.

E lá foi ele num jipe estrada acima, pouco mais tarde chegaram viaturas Inimigas com bandeiras brancas... e oficiais Alemães.

A cerca de meia hora a notícia correu ligeiramente por toda a tropa.

Os alemães vieram negociar a rendição de uma divisão alemã.

Começará amanhã cedo a chegada das tropas alemãs.

Vamos pegar uma xepa e acampar aqui mesmo, próximo à Fornovo.

Registro nº 60**29 de Abril de 1945**

Logo ao raiar do dia, começaram a chegar numerosos caminhões americanos, carregados de soldados do 6º RI que iam tomando posição no terreno, próximo a Fornovo, se espalhando pelos dois lados da estrada, se ocultando imediatamente.

Lá pelas 9:30 horas começaram a chegar os alemães. Apreciei a chegada de dois batalhões e umas baterias de artilharia.

Como soldados, mesmo naquela hora penosa se mostravam disciplinados, corretos orgulhosos até!...

Entre eles vi todos os tipos de alemães, de diversas idades.

Desde homens idosos, rostos engelhados, á garotos de 16, 17 e 18 anos.

Toda a juventude e a maturidade de um povo, estava ali representada!!!

Não vi fraquezas em ninguém, só algum boné enterrado no rosto, sem olhar a ninguém, vista sempre baixa, como se sofressem forte humilhação.

Chegaram pela estrada, em pelotões, marchando, companhia a companhia, oficiais a frente, como se fossem a uma parada militar...

Chegaram perto dos caminhões, os oficiais se apresentavam em posição de sentido, faziam continência, apresentavam a unidade, um deles fazia uma incompreensível chamada, todos respondiam, entregavam as armas, que ficavam amontoadas, pelo chão e subiam nos caminhões, sem afobação nem gestos inúteis, em silêncio, se estreitando e dando lugares aos outros.

Fiquei olhando, em cima de um caminhão.

Queria gravar esse momento de efeito grandioso.

O "fim de uma luta entre gigantes".

Ao término de cada batalhão, apareciam ambulâncias, cheias de feridos e outros feridos carregados em padiolas, ou amparados em outros soldados.

Para estes, tinham muitas ambulâncias americanas, que recolhiam os mais graves e caminhões comuns para feridos leves.

Aí formavam logo uma coluna, ambulância americanas à frente, as alemães em seguida, dirigidas pelos próprios motoristas alemães e os caminhões carregados com os feridos leves, fechando a coluna, partiam logo rumo aos hospitais na retaguarda.

Assim sucessivamente, batalhão após batalhão.

Voltei ao nosso grupamento, notícias recém chegadas dão Gênova como conquistada.

A nossa vanguarda já atingiu Piacenza, rumo a fronteira francesa e muitas outras notícias boas.

Pegamos uma xepa e vamos também sair para Piacenza.

X.

Registros de n.º 61 a n.º 82 do Diário de Campanha
1º de Maio de 1945 a 3 de Outubro de 1945

- I. A Grande Guerra terminou.
- II. Revendo familiares e passeios.
- III. Dissolução da Companhia Especial.
- IV. Esperas e tochas e visitas.
- V. Despedidas da Itália e retorno para o Brasil.
- VI. O desfile apoteótico no Rio de Janeiro.



Registro nº 61**1º de Maio de 1945**

Sete horas do dia 1º de maio, estamos em Piacenza, próximo a margem do rio Pó, em plena planície Padana. Chegamos de madrugada e deu para dormir um pouco.

Estamos alojados num grande prédio. Parte do 1º RI, está acantonado nesta cidade, espera o restante para seguirem rumo a Alexandria.

Nessas poucas horas, dormirmos no piso de mosaico, de uma grande sala. Nossas bagagens chegarão mais tarde.

Há pouca eletricidade e os bondes, aliás modernos, funcionam durante o dia. As divisões blindadas americanas atingiram o rio Pó e atravessaram em diversos setores, estão em direção a fronteira Austriaca e fronteira da Iugoslávia.

O esquadrão motorizado do Capitão Pitaluga já está em Alexandria, entre esta cidade e Piacenza, pouco mais de 200 quilômetros, não existe resistência organizada alemã, conforme afirma o nosso comando, mas também não temos tropas aliadas, assim Pitaluga está praticamente cercado, se aparecer alguma unidade organizada alemã. Mas a aviação garante proteção aérea, até outras tropas aliadas chegaram lá e aliviar a situação.

Estamos saindo rumo a Alexandria, onde já se encontra o 6º RI.

Nas estradas encontramos numerosas tropas alemães marchando, algumas rumo ao norte, outras em sentido contrário.

Os caos se abateu, no que resta das forças inimigas na Itália, algumas ficam simplesmente paradas, a beira da estrada, aguardando que alguém lhes dê ordens. Sabem que a guerra para eles está perdida e o que querem agora, é que ela termine logo.

Registro nº 62**4 de Maio de 1945**

Estamos em Alexandria, ponto final do nosso avanço, na Itália.

Nestes dias é assinado a rendição incondicional de todas as forças alemães na Itália.

TERMINOU A GUERRA!

Muita festa..., muita bebida..., danças etc.

Folga para todo o nosso gupo... Saía um comboio para Livorno e pedi uma passagem para San Giuliano Terme, ia passar alguns dias em Santa Maria Del Giudice.

Na cantina comprei tabaco para cachimbo, para o meu avô, maços de cigarros, chocolates em quantidade, sabonetes e outros miudezas e lá fui eu...

Registro nº 63**7 de Maio de 1945**

Há quatro dias estou em Santa Maria Del Giudice.

Revi todo o meu passado. Parentes, amigos, etc.

Subi até o monte Penna, para melhor ver e gravar na minha mente, este belo panorama.

Os habitantes de Santa Maria, são otimistas e como é um povo trabalhador, já estão tratando da reconstrução da cidade.

Muitos me falam de emigrar, abandonar a Itália e a Europa.

Em geral estão cansados de guerras, procuram um país onde possam viver em paz, ninguém os pode culpar.

Chegaram duas cartas de casa, foram escritas nos dias 2 e 14 de abril, respectivamente.

Registro nº 64**11 de Maio de 1945**

Estou de novo em Alexandria.

Aqui agora é folga completa, ao menos para o nosso grupo, e estão quase todos rodando pela Itália.

A ordem que está sendo retransmitida aos componentes do grupo, é que no dia 22 de maio, haverá reunião geral com chamada e transmissão de novas diretrizes, daqui até lá, quem quiser sair pode.

Fiquei em Alexandria, para reunir uma roupa limpa, comprar na cantina, cigarros, chocolate, camisetas e camisas, e à muito custo uma calça, que servisse em mim.

Amanhã vou sair para Milão, Como etc.

Para não ir só, vou levar um paraense de Mazagão, Washington Elias dos Santos, soldado de outra unidade, também sediada agora aqui.

Registro nº 65**17 de Maio de 1945**

Após longa e extenuante viagem, estamos de volta a Alexandria.

Visitei demoradamente Milão, Como e Varese, aproveitei o que pude, pois sabia que a folga iria acabar.

De manhã após o café, o Tenente Martinelli, colocou a companhia em forma, e apresentando-a ao Major Del Corona que após ler um boletim e uma ordem do dia com elogios; em breves palavras comunicou que ia sair do comando da tropa especial. Seria transferido para Firenze e de lá, para Nápoli, esperando embarque para Brasil.

Passou com formalidade o comando ao Capitão Golbery do Couto e Silva, oficial do Estado Maior do 1º RI, que assumiu o comando comunicando que,

conforme ordens recebidas, iria dissolver a companhia e organizar outra tropa, cujo cerne seria inicialmente composta com elementos restantes da nossa companhia.

Todos os oficiais, suboficiais e soldados, seriam devolvidos as unidades de origem.

Entretanto, antes disso, alguns oficiais ficariam recrutando elementos selecionados, e logo ao chegar ao Brasil, poderiam ser engajados voluntariamente neste movimento.

Seriam ministrados diversos cursos e essa tropa ficará inicialmente sediada no Rio de Janeiro. Todas as informações serão fornecidas.

Ninguém poderá se afastar da cidade. Agora podem debandar...

Registro nº 66

22 de Maio de 1945

Hoje de manhã, o Tenente Martinelli, mandou me chamar, em resumo falou o seguinte: Já estava selecionando suboficiais e praças do nosso grupo e da polícia do exército, segundo ele, o Sargento Madruga e outros do nosso pelotão, já estavam na lista, queria saber se eu topava...

Ante a minha hesitação, acrescentou mais, que, além de diversos cursos obrigatórios ao chegar no Rio, podia garantir a um pequeno número, inclusão na Escola Militar de Realengo, eu poderia contar com essa oportunidade...

Ele seguiria breve para Firenze e depois Nápoles, onde embarcaria na primeira oportunidade.

Chegando ao Rio, começaria a trabalhar nessa nova missão.

Não queria uma definição logo.

Deu-me o endereço, a ala, o andar e números da sala onde passaria a trabalhar no edificio do Ministério da Guerra, que o procurasse lá.

Assim me dispensou.

Grande companheiro... entretanto, não o veria mais!!!

Registro nº 67

28 de Maio de 1945

Já estou em Pistóia.

Saímos hoje cedo de Alexandria, três caminhões carregando a nossa turma. Perto de Módena, demos carona a um grupo de Partigiani, que também desmobilizados voltavam as próprias casas.

Caras impressionantes, ex-soldados e civis de todas as camadas sociais. que durante um ano e meses, enfrentaram nas montanhas dos Apenini inteiras divisões alemães, lutando na clandestinidade, como guerrilheiros de fibra.

Entre eles descobri um Lucchese, moço de 22 anos ex-integrante da Brigada "Pasuvio" rosto macilento, espelho de sofrimento, da vida perigosa e incerta! Presenciou dois fuzilamentos de Partigiani, aprisionados pelos alemães.

Outras vezes, como poucos conseguiu escapar abrindo caminho a balas!

Foram os rebeldes de Pasuvio, que aprisionaram e posteriormente fuzilaram Mussolini e companheiros, regressam assim, de carona, sem saber se ainda encontram a casa em pé e a família viva.

Tragédia só tragédias, que vejo por aqui.

Registro nº 68

2 de Junho de 1945

Passaram os dias, estou aqui no centro de triagem de Pistóia.

Estamos instalados no antigo quartel do 153º Regimento de Infantaria Italiano cujo o nome é: Francesco Ferrucci.

Ainda não sei o meu destino e sinto-me deprimido.

Estranho, devia estar alegre pois a guerra terminou, entretanto, nunca estamos satisfeitos.

Inclino-me forçadamente a sentir-me preso, ao verme encerrado entre paredes. A humanidade é assim!!!

Sinto agora saudades, dos dias incertos, porém livres, dos dias em que a minha frente estendiam-se a perder de vista, os montes sem fim e os campos minados, enquanto agora vejo paredes e muros, para todo lado...

Este quartel é enorme capaz de abrigar mais de 3.000 homens e nós somos poucos. O alojamento onde estamos é grande para nós, os 18 homens que restaram da companhia especial.

Os praças que encontramos aqui, são antigos, nunca foram além de Pistóia, são aquilo que chamamos de "saco B".

Burocratas nada mais; mas olham para nós, recém-chegados com superioridade, não dou bola à esses coca-cola!

Registro nº 69

12 de Junho de 1945

Outros caras estão embarcando, este grande casarão está ficando vazio.

Saí por conta própria todos esses dias, é melhor vagabundar pela cidade, á ficar no quartel.

Estive em Santa Maria também, aproveitei um comboio que ia a Livorno e saltei em San Giuliano.

Dois dias depois, estava de novo em Pistóia.

Está definido meu destino, voltarei a Staffoli e lá esperarei ordem para seguir a Nápoles.

Registro nº 70

26 de Junho de 1945

Escrevo de Staffoli, no grande depósito de pessoal, reencontrei o Edir Teixeira Mendes, o Juarí Carrera Palmeira, Washington Elias dos Santos e muitos outros paraenses. Aqui estamos alojados em barracas de campanha para 10 homens.

Forte vento sacode as barracas, uma nuvem insistente de poeira marrom se abate no acampamento, penetra nas barracas, na roupa, na boca, nos olhos e cobre tudo com espessa camada de pó.

É o diabo.

A temperatura de baixo da lona é insuportável, sua-se constantemente das onze as quatro da tarde.

As barracas parecem fornalhas, é um suplício!

Pensar em banho é só pelas oito ou nove horas da noite e tem que andar quatro quilômetros para ir e voltar.

Estou abatido, as noites são um pouco frias, porém o meu sono é agitado, estou febril, alguma coisa não vai bem em mim, cabeça, estômago e intestino, estão avariados e aqui no acampamento, tem enfermaria, mas não tem remédios.

Registro nº 71

8 de Julho de 1945

Ontem cheguei de uma nova tocha!

Fui outra vez ao norte, voltei a Milão.

Muito divertida como as anteriores, porém mais completa desta vez. Olhos azuis, quase loura, um nome Mariza... E eis a minha estrela!

Fomos até o lago de Corno, despercebidos em meio a tanta gente, passamos quatro dias de sonhos.

O dinheiro dos cigarros voava, mas também minhas idéias, meus pensamentos voavam nas águas mansas do lago de Corno!

Veio deixar-me até o ponto de bloco, prometi voltar e voltei...

Também aqui há uma história... E tem gente que ainda quer guerras...

Registro nº 72

18 de Julho de 1945

Estamos ainda em Staffoli, calor intenso.

Enquanto as tropas Americanas, Inglesas, Polonesas e Filipinas, receberam bonitos uniformes, caqui claro, nós ainda estamos com a roupa de inverno! Pesada, velha, surrada pela campanha no inverno passado, agora se tornou ridículo no verão.

Muitas vezes encontro companheiros andando pelas estradas da Itália, com essa roupa velha, amarrotada e as vezes suja...

Fazemos um péssimo contraste diante das outras forças aliadas.

É uma lástima, estamos entregues a nós mesmos. A guerra terminou, ninguém quer saber mais da gente.

Só não falta comida, cigarros e outras coisas de primeira necessidade, porque o americano é quem manda.

Nossos oficiais, quase ninguém os vê mais.

Como eu não fumo, guardo o maço diário de cigarros que recebo, tenho direito a comprar mais 6 maços semanais na cantina.

Sempre que posso compro cigarros de outros pracinhas que também não fumam, junto aos meus e vou vendê-los em qualquer cidade próxima e é assim que arranjo dinheiro, para as minhas tochas.

Desta vez saltei em Pistóia e na cantina comprei duas camisas leves de tricoline verde, duas calças de gabardine, camisetas, meias leves, sabonetes, gilete, sabão grosso, para lavar roupa (aqui se encontra lavadeira, mas o sabão temos que fornecer) e por fim um sapato preto, para passeio.

Agora estou bem armado de roupa, não faço péssima figura e os americanos, que já nos chamam sub-raça, me aceitam com mais facilidade e não tenho problemas em viajar de carona.

Registro nº 73

20 de Julho de 1945

Voltei há pouco de uma excursão organizada por mim.

Ficar no acampamento, no sol e na poeira é uma loucura. Procuo então passar mais tempo fora.

Desta vez arranjei licença e caminhão para nos levar e permissão para apresentar nos postos de atendimento em unidades americanas, para refeições, dormidas, abastecimento para o caminhão e permissão para comprar em cantinas americanas, formamos um grupo entre sargentos e soldados, roupa e gente apresentável e fomos pelas estradas da Itália.

Fui encarregado de organizar um roteiro para nós.

Inicialmente passamos por Pistóia e levei a turma ao cemitério brasileiro, reverenciar nossos companheiros mortos em combate na Itália.

De lá fomos para Prunetta, Porretta-Terme, Abetaia, Monte Castello, Pietra Colora, Monte Della Torraccia, Monte Terminale, Monte Forte,

Montauricola e Montese, lugares onde tínhamos passado penosa e lentamente, sofrendo de noite ou de dia, sem ver muita coisa.

Agora com as estradas recuperadas, tivemos condições de rever rapidamente, os lugares onde durante semanas nos arrastamos perigosamente, na chuva, na neve, no frio constante, sempre castigados pelo fogo de morteiros, minas, artilharia e as metralhadoras alemães.

Lembramos os que não conseguiram passar por esses obstáculos e agora dormem para sempre em Pistóia...

Fiz questão de parar umas horas em Montese, as ruas já foram desentulhadas e lentamente, estão recuperando algumas casas.

Mas muitos moradores ainda não voltaram, estão dispersos pela região e muitos morreram mesmo. A preocupação deles é consertar bem ou mal as casas, antes do próximo inverno chegar.

Saímos de Montese um pouco emocionados.

Distribuímos barras de chocolates com a garotada e fomos para Modena, onde almoçamos. Logo em seguida atravessamos Parma e Reggio, paramos novamente em Piacenza, atravessamos o rio Pó, de lá terminamos em Milão, onde jantamos e dormimos...

Nos outros dias estávamos em Alexandria, de lá fomos até Ventimiglia, na fronteira com a França, de lá voltamos a Genova e pela via Aurélia, passamos pela Riviera Italiana, Savona, Rapallo, terminamos em Viareggio, de lá pegamos a auto-estrada Firenze Mare.

Visitamos Firenze, onde passamos um dia, de lá passamos por Prato, novamente Pistóia, Montecatini por fim a chegada no acampamento, cansados mas satisfeitos.

Registro nº 74

3 de Agosto de 1945

Passei 3 dias em Santa Maria, sabia que era minha última oportunidade, pois o dia 18 deste mês, seria nosso deslocamento para Nápoles.

Assisti dia 15 a festa da Assunção, com procissão, música e tudo.

Foi mesmo uma despedida em regra.

Nos três dias tive tempo para analisar, o aspecto e a situação de Santa Maria e da Itália em geral, como se apresentava nesta época.

Como já descrevi anteriormente, Santa Maria não foi palco de combates, nem bombardeiros. Não houve destruições significativas, mas as mazelas da guerra também a atingiram.

Há falta de muitos produtos essenciais, o mercado negro e suas complicações, a miséria coletiva, a prostituição, a criminalidade, alcançaram índices nunca previstos ou sonhados, antes da guerra.

A reconstrução física e material já recomeçou em toda a Itália.

Mas a reconstrução moral, emocional, os ressentimentos, ora de Partigiani, ora de fascistas, ora de Alemães, feridas que vão levar muito tempo, para cicatrizar. Presenciei a desolação daquela gente...

A vontade manifestada por todos, é de abandonar a Itália.

Emigrar para qualquer lugar desde que fiquem longe de guerras, de lutas, de vinganças políticas...

É uma triste fuga, um protesto sobre a realidade Européia, onde a cada geração deflagra-se uma sangrenta guerra a pretexto de modificar ou sanar, supostas injustiças políticas, sobre o domínio de determinadas regiões fronteiriças, que a cada 20 ou 25 anos passam do domínio de um país para outro e vice-versa e sempre abrindo mais feridas, mais revanchismo, mais conflitos de raças, religiões, minorias e banhando de sangue e destruição, quase todos os países europeus.

É o que me dizem as pessoas conhecidas na Itália.

É o que ouço de soldados, Ingleses, Poloneses, Iugoslavos, Franceses, Austríacos, Russos e Alemães; todos sonham viver num país novo, que não tenha tradições militaristas.

Onde as grandes divergências entre os países vizinhos, se limitem a campeonato de futebol e onde tudo no final termina em tango, samba e carnaval.

Eles querem um país onde tenha espaço e oportunidade para todos, onde possam trabalhar e progredir, onde as diferentes raças e credos possam conviver e prosperar.

Esse país escolhido, eleito por toda essa gente é o Brasil! Sim senhor, o Brasil! É desnecessário dizer que isso me enche de orgulho! Esta é a realidade européia de hoje e a meu ver o Brasil deveria aproveitá-la.

Selecionando uma grande leva de profissionais especializados em variados campos de trabalho e dar-lhes oportunidades para trabalhar, mostrar o que sabem e contribuir também, na construção do Brasil do amanhã.

Eu que vivi estes poucos meses neste caldeirão, fervendo de paixões e ódios, nestas cidades e regiões, outrora belas e prósperas e as vejo agora, na miséria, na destruição.

Cada família com mortos, prisioneiros e dispersos, por todo esse mundo carregado de ressentimentos e ódio, compreendo e aprovo...

A Europa não é mais terra para se viver.

O Brasil é o futuro!!!

Naquela época (assim eu pensei e desejei também abreviar minha saída).

Entretanto 45 anos depois ao voltar a Itália em 1990, encontrei tudo mudado. Exatamente o oposto do que eu vi em 1945.

As posições novamente tinham se invertido.

Registro nº 75**19 de Agosto de 1945**

De manhã cedo, em comboio de caminhões fomos até a estação ferroviária de Montecatini. De lá começou a arrancada.

Em duas grandes composições de trem iniciamos a viagem de regresso. A primeira parada foi Lucca, depois Pisa, até Livorno, cidades que eu conhecia, fiquei olhando, depois me acomodei no meu banco e tratei de tirar uma soneca.

Passava de meio dia, quando na estação ferroviária de Roma, nos serviram uma refeição.

Logo em seguida, arrancamos novamente, às 18 horas passamos lentamente por Monte Cassino.

Só ruínas! A encostas do monte calcinadas e o terreno embaixo, todo revolvido, crateras de granadas e bombas, por toda parte.

Coalhado de tanques destruídos, outros veículos e equipamento bélicos destroçados, já apresentando camada de ferrugem, ainda estão lá.

Mudos testemunhos da tremenda e demorada batalha que se travou ali. No cume da montanha, o mosteiro de Monte Cassino, ou melhor, o que resta dele... A noite do dia 20 de agosto, chegamos ao nosso novo acampamento, Francolise-Itália.

Registro nº 76**21 de Agosto de 1945**

Há 15 dias estamos neste novo acampamento, distante cerca de 35 quilômetros de Nápoles.

Dentro de poucos dias embarcaremos para o Brasil.

Aproveitei esses dias, para conhecer o sul da Itália. Muito diferente do norte! Mesmo assim tem muitos lugares bonitos.

Fui à Sorrento, visitei as ilhas Capri e Ischia, estive em Pompéia e Herculano, ambos lugares fabulosos.

Mas o que me impressionou, mesmo, foi Sorrento, puxa!!! Acho que ali naquelas paisagens maravilhosas ficaria o resto da vida.

Registro nº 77**6 de Setembro de 1945**

Como estamos apenas esperando o embarque, não temos chamada nem serviços de guarda, ao menos para nós, então aproveito o tempo para conhecer os arredores do acampamento e quando temos caminhões disponíveis, vamos à Cápua e Nápoles, sendo uma grande cidade, tem muito para ver.

Visitei a igreja de San Genaro, famosa pelo milagre do sangue deste santo. Outras igrejas, com imagens de santos, quadros e esculturas, umas

escolas muito diferentes da arte praticada no norte da Itália, aqui o que domina é a arte Espanhola e Flamenga, decididamente o sul da Itália é outro país.

Registro nº 78**18 de Setembro de 1945**

Estamos embarcando, o navio é o James Parker, americano, com um deslocamento de cerca de 11.000 toneladas, mal comporta os 2.000 pracinhas que espremidos, tem que andar com cuidado para não pisar nos companheiros, sentados ou deitados.

Registro nº 79**20 de Setembro de 1945**

Violento temporal varre o Atlântico, o navio enfrentando ondas grandes, geme e estala como um pequeno barco.

Forte vento de proa, assobia entre os mastros, dificultando a marcha do navio. E na verdade uma marcha penosa a nossa! Centenas de soldados preferem ficar na chuva e no borrifar das ondas!

A metade da tropa está enjoada, muitos não comem, desde ontem e não tem mais o que vomitar... Consigo me manter firme mas, aqui fora.

Dentro do navio ou nos alojamentos, não consigo agüentar, dá-me ânsia de vomitar. Ondas enormes abatem-se na proa do navio, que enfrenta a grande massa líquida. É um balançar temível, que atrasa a velocidade do navio.

Registro nº 80**25 de Setembro de 1945**

O tempo desde ontem começou a melhorar e hoje consegui escrever essas linhas. A chuva parou, o vento diminuiu e as ondas em consequência estão aplacando... As 12:40 horas, passamos pela linha do Equador, mais calmo o mar brilha sob o sol que também se fez presente.

Registro nº 81**29 de Setembro de 1945**

A tarde, quase noite chegamos na Baía de Guanabara, o navio fundeou.

Só amanhã de dia levantará âncora para o cais e desembarcará a tropa, que irá direto desfilar rumo a estação central, para embarcar em trens diretos para a Vila Militar.

Pela manhã, aportamos ao Rio.

No cais do porto, isolado por fuzileiros navais, rapidamente formaram as companhias. Tínhamos chegado! O momento tanto sonhado estava se realizando. Pouco depois o desfile. Entusiasmo delirante...

Flores, papel picado, palmas e por fim em plena avenida, uma imensa massa humana, quebrou os cordões de isolamento da polícia e do exército, invadiu a avenida, acabou-se com a ordem do desfile, que desde o cais, vinha-se processando com garbo, com raça, com vigorosa cadência, com o orgulho, dos que voltaram a pisar o solo pátrio, após longa ausência, com a certeza e consciência do dever cumprido, desfilavam os pracinhas de retorno a casa.

A confusão começou com um grupo de moças, depois garotos, homens, metiam-se entre as fileiras gritando, mãos estendidas, procurando agarrar os distintivos da cobra fumando, do 5º Exército, medalhas, qualquer coisa que tivéssemos pregados nas mangas ou no peito das camisas, rasgando roupa, abraçando, beijando uma loucura, um carnaval, como só os cariocas sabem fazer.

Daí até ao palácio do Ministério da Guerra, foi um pisa-pisa, empurrões, confusão tremenda e mal podíamos andar. Mas, em frente ao Ministério, grande contingentes de soldados, da Vila Militar, conseguiram impor energicamente, pelotões e companhias, mas o desfile estava terminando.

Aturdidos entramos andando na estação, aquela manifestação nos deixou desorientados, não esperávamos tudo aquilo! Sentimos a espontaneidade, a alma, o coração dos nossos irmãos cariocas. Os mesmos que não tiveram a oportunidade de nos ver embarcar para a guerra.

Sim, porque fomos transportados diretamente da Vila Militar, para o porto, em longos trens, em pleno dia, em silêncio, vagões com portas e janelas fechadas, nos deixaram diretamente no cais ao lado do navio.

Fuzileiros navais, haviam interditado parte do porto e com os fuzis e baionetas caladas, impediam qualquer aproximação de estranhos, o cais estava deserto e saímos dos vagões diretamente para o navio, assim foi a ida, muito diferente da volta!

FIM

Homenagem ao Pracinha da Amazônia

2º Batalhão de Infantaria de Selva (2º BIS)

Força Nobre a Serviço do Brasil

LEMBRAI-VOS DA GUERRA

HOMENAGEM



2º Batalhão de Infantaria de Selva - Batalhão "Pedro Teixeira"

à Memória e aos Feitos dos Pracinhas, que adidos ao então 26º Batalhão de Caçadores, deixando Belém-PA em 20 Dez 1944 e o Rio de Janeiro-RJ em 8 Fev 1945, com destino ao Teatro de Operações Italiano, integrados à Força Expedicionária Brasileira (FEB), realizaram atos de bravura e heroísmo em defesa dos valores da Liberdade e da Democracia, durante a Segunda Guerra Mundial.



1822 — BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL — 2022

1842 — 180 ANOS DE CRIAÇÃO DO 2º BIS — 2022

Placa inaugurada em 29 de Abril de 2022 na sede do 2º BIS
77º Ano da Tomada de Montese em 29 de Abril de 1945

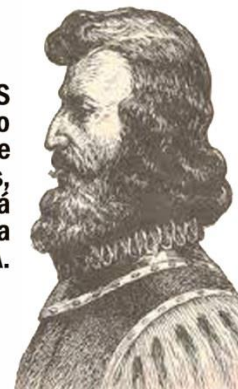
Criado em 20 de agosto de 1842 como "Corpo Fixo de Caçadores do Piauí" o 2º Batalhão de Infantaria de Selva (2º BIS) é considerado a Célula Mater da Infantaria de Selva na AMAZÔNIA e tem como denominação histórica



"Batalhão Pedro Teixeira"

Por ocasião dos 180 anos de sua fundação, o 2º BIS relembra neste espaço cultural os feitos históricos do nobre militar e navegador português PEDRO TEIXEIRA que no século XVII, rompendo o Tratado de Tordesilhas, navegou a remo, a partir dos rios do Estado do Grão Pará até a cidade de Quito, contribuindo para a conquista da AMAZÔNIA e a conformação da NAÇÃO BRASILEIRA.

Belém do Pará, 20 de Agosto de 2022
No Bicentenário da Independência do Brasil



Placa inaugurada em 20 de Agosto de 2022
180º Ano de Fundação do 2º Batalhão de Infantaria de Selva
(antigo 26º Batalhão de Caçadores)

3º Grupamento do Contingente da Amazônia

com destino ao 5º Escalão da Força Expedicionária Brasileira

Grupamento integrado na sua maioria por militares do 26º Batalhão de Caçadores (26º BC), atual 2º Batalhão de Infantaria de Selva, que neste ano do Bicentenário da Independência do Brasil completa 180 anos de fundação.

O então Reservista **Galliano Cei**, adido ao 26º BC, encontra-se neste grupamento, integrado sob o n.º 87

3º GRUPAMENTO

N.º	Graduação	Nome	OM de Origem
1.	3º Sargento	Raimundo Delzuith Oriente Genú	26º BC
2.	Cabo	Bento Wilson da Costa	26º BC
3.	Cabo	Erostácio Correa Filo-Creão	34º BC
4.	Cabo	Manoel Aldenor da Costa	35º BC
5.	Cabo	Severino Lira Neiva	26º BC
6.	Cabo	Sinval de Souza e Silva	34º BC
7.	Cabo	Veríssimo de Assis	35º BC
8.	Soldado	Abel Lopes Parintins	26º BC
9.	Soldado	Alcindo de Souza Farias	26º BC
10.	Soldado	Alfredo Correa Braga	26º BC
11.	Soldado	Anísio Apolinário do Amaral	26º BC
12.	Soldado	Antonio Dias	26º BC
13.	Soldado	Antônio Tenório de Miranda	26º BC
14.	Soldado	Armando Fernandes Caniceiro	26º BC
15.	Soldado	Augusto Alves Ribeiro	26º BC
16.	Soldado	Benedito Diniz Coelho	26º BC
17.	Soldado	Benedito Vieira	26º BC
18.	Soldado	Bento Pacheco da Cruz	26º BC
19.	Soldado	Carlos Nogueira da Silva	26º BC
20.	Soldado	Carlos Pereira Lima	26º BC
21.	Soldado	Childerico Flexa da Silva	26º BC
22.	Soldado	Cléo Bernardo de Macambira Braga	26º BC
23.	Soldado	Demétrio Ferreira da Silva	26º BC
24.	Soldado	Deodato Assunção do Nascimento	26º BC
25.	Soldado	Dionísio Batista Neto	26º BC
26.	Soldado	Domingos de Jesus	26º BC
27.	Soldado	Dorival Cândido Gonçalves	26º BC

28.	Soldado	Edgar dos Santos	26º BC
29.	Soldado	Eleutério Santa Brígida de Jesus	26º BC
30.	Soldado	Emani Pinto de Carvalho	26º BC
31.	Soldado	Eurico Melo	26º BC
32.	Soldado	Francisco Cavalcante e Silva	26º BC
33.	Soldado	Francisco Coelho de Moraes	26º BC
34.	Soldado	Francisco de Carvalho Afonso	26º BC
35.	Soldado	Francisco de Souza Magalhães	26º BC
36.	Soldado	Francisco Inácio dos Santos	26º BC
37.	Soldado	Francisco Leite Damasceno	26º BC
38.	Soldado	Francisco Manoel de Lima	26º BC
39.	Soldado	Francisco Pereira Dutra	26º BC
40.	Soldado	Franklin Augusto Dias	26º BC
41.	Soldado	Isaac Correa de Miranda	26º BC
42.	Soldado	João Clementino da Silva	26º BC
43.	Soldado	João Evaristo de Mendonça Neto	26º BC
44.	Soldado	João Honório Belém	26º BC
45.	Soldado	João Vinhas Botelho	26º BC
46.	Soldado	Joaquim Chermont	26º BC
47.	Soldado	José Avelino Bezerra	26º BC
48.	Soldado	José Cardoso Ferreira	26º BC
49.	Soldado	José Gomes Moreira	26º BC
50.	Soldado	José Ordrado Pantoja	26º BC
51.	Soldado	José Pereira Santana	26º BC
52.	Soldado	José Ramos Vaz	26º BC
53.	Soldado	José Santana Baltazar	26º BC
54.	Soldado	Leopoldino Lázaro Pereira	26º BC
55.	Soldado	Manoel de Azevedo Pontes	26º BC
56.	Soldado	Manoel de Souza Vale	26º BC
57.	Soldado	Manoel Gonçalves	26º BC
58.	Soldado	Manoel Norberto Monteiro	26º BC
59.	Soldado	Manoel Paulo dos Prazeres	26º BC
60.	Soldado	Manoel Raimundo de Miranda	26º BC
61.	Soldado	Mário Rodrigues Lopes Gonçalves	26º BC
62.	Soldado	Paulo Francisco de Medeiros	26º BC
63.	Soldado	Pedro dos Santos	26º BC
64.	Soldado	Raimundo Custódio Lanoa	26º BC
65.	Soldado	Raimundo dos Santos Costa	26º BC
66.	Soldado	Raimundo Gaia dos Santos	26º BC
67.	Soldado	Rogério Nascimento de Azevedo	26º BC
68.	Soldado	Sebastião Arão do Rosário	26º BC

69.	Soldado	Tomé Ferreira de Souza	26º BC
70.	Soldado	Ulisses Correa Mendes	26º BC
71.	Soldado	Urbano Correa do Monte	26º BC
72.	Soldado	Valdemar Gomes Pinto	26º BC
73.	Soldado	Virgínio Manoel da Gama	26º BC
74.	Soldado	Vitorino Barrozo da Igreja	26º BC
75.	Soldado	Washington Elias dos Santos	26º BC
76.	Soldado	Zacarias Fernandes de Araújo	26º BC
77.	Reservista	Adonias de Castro Silva	26º BC
78.	Reservista	Antônio Evangelista Alves	26º BC
79.	Reservista	Domingos Costa	26º BC
80.	Reservista	Durval da Silva Gonçalves	26º BC
81.	Reservista	Edir Teixeira Mendes	26º BC
82.	Reservista	Eduardo Reis da Silva	26º BC
83.	Reservista	Fernando Quirino de Souza	26º BC
84.	Reservista	Francisco Florêncio de Souza	26º BC
85.	Reservista	Francisco Mendes dos Santos	26º BC
86.	Reservista	Francisco Nobre de Lima	26º BC
87.	Reservista	Galliano Cei	26º BC
88.	Reservista	José Barros de Magalhães	26º BC
89.	Reservista	José Evangelista Pimentel	26º BC
90.	Reservista	José Nascimento Borges	26º BC
91.	Reservista	Juvenal Alves de Moraes	26º BC
92.	Reservista	Lucídio de Souza Fernandes	26º BC
93.	Reservista	Marcos de Oliveira	26º BC
94.	Reservista	Raimundo Oliveira Barrozo	26º BC
95.	Reservista	Sebastião Paulino de Lima	26º BC
96.	Reservista	Torquato Alves dos Santos	26º BC
97.	Reservista	Valdemar da Silva	26º BC

A Relação contendo os nomes dos 786 Pracinhas integrantes do Contingente da Amazônia destinado ao 5º Escalão da FEB e dos 7 Combatentes da Amazônia falecidos na Itália encontra-se em PDF disponível em



e também em





MEMORIAL PRACINHAS DA AMAZÔNIA

pertencente ao Quartel General Integrado do Comando Militar do Norte, sito na Rua João Diogo, n.º 458 Bairro Campina, em Belém do Pará. O espaço cultural *Memorial Pracinhas da Amazônia* foi idealizado em 2022 ocasião das comemorações do Bicentenário da Independência e inaugurado em 23 de Março de 2023. A placa frontal em primeiro plano da imagem tece uma homenagem aos 793 *Ex-Combatentes da Segunda Guerra Mundial* oriundos dos Estados do Amazonas, Acre, Pará, Amapá, Rondônia e Roraima cujos nomes encontram-se gravados no extenso painel de metal em segundo plano. O QR Code a direita da foto dá acesso à página *Pracinhas da Amazônia* do Portal do Comando Militar do Norte, na qual a *Relação de Pracinhas da Amazônia* se encontra disponibilizada para *download* em arquivo PDF.

Referências

ALMEIDA, A. R. de. **Montese: marco glorioso de uma trajetória.** Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1985.

ALMEIDA, J. F. de. **Mensagem aos jovens de coração: gerações com a mesma responsabilidade, de Mascarenhas de Moraes a Thomaz Coelho.** Sem Editora. 1964

AMIDEN, J. **Eles não voltaram.** Rio de Janeiro: Gráfica Riachuelo Ed., 1960.

BENTO, C. M. **Amazônia Brasileira: Conquista, Consolidação e Manutenção.** História Militar Terrestre da Amazônia de 1616 a 2017, 2^o edição. Gráfica Drumond. Barra Mansa/RJ. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3rsy2jl>>. Acesso 12 Jan 2022.

_____, C. M. **Os 68 Sargentos Heróis da FEB, Mortos em Operações de Guerra.** Edição da Academia de História Militar Terrestre do Brasil. Resende/RJ. 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/3GvFAbm>>. Acesso 12 Jan 2022.

BOHMELEER, R. **Monte Cassino: a História que vivemos.** Editora Flamboyant. 1996.

BRAGA, R. **Crônicas de Guerra: com a FEB na Itália.** Diário carioca, Rio de Janeiro. Editora do Autor, 1964.

BRASIL. Arquivo Histórico do Exército (AHEx). **Catálogo de destino dos acervos das Organizações Militares do Exército Brasileiro.** 2^a ed. RJ, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3HwmVwm>>. Acesso 12 Jan 2022.

BRAYNER, F. L. **A Verdade sobre a FEB: memórias de um chefe de estado-maior na campanha da Itália, 1943-1945.** Civilização Brasileira, 1968

CAMARGO, A.; GÓES, W. de. **Meio século de combate: diálogo com Cordeiro de Farias.** Rio de Janeiro Editora: Nova Fronteira. 1985

CANSANÇÃO, Elza. **E foi assim que a cobra fumou.** RJ, Imago, 1987.

FERNANDES, M. **Xavantes na Itália: Crônicas de Pracinhas da FEB.** Editora Rigel, 2001.

LIMA, R. M. **Senta a pua!** Rio de Janeiro, BIBLIEX, 1980.

LIMA Jr, R. da C. **Quebra-Canela: a engenharia brasileira na campanha da Itália.** Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1981.

MATTOS, C. de M. **O marechal Mascarenhas de Moraes e a sua época.** Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1983.

MIRANDA, A. B. **Guerra: Memórias ... Destino.** Editora Sagrada Família, Belém/PA. 1998.

PAES, W. de M. **Lenda Azul**: a atuação do 3º Batalhão do Regimento Sampaio na campanha da Itália. Rio de Janeiro, BIBLIX, 1991.

PINAGÉ, R. **O Escalão da Vitória**. Edição Digital Comemorativa do Bicentenário da Independência do Brasil. Disponível em: <<https://bit.ly/3JrK97M>>. Acesso em 31 Mar 2022.

PINHEIRO, J. J. B. **A Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial – Resumo Histórico**. Rio de Janeiro: I. A. Nunes Comércio de Livros, 1980.

PRACINHAS DA AMAZÔNIA. **Por Céu, Terra & Mar**: Pracinhas da Amazônia da Segunda Guerra Mundial. Youtube, 8 de Maio de 2013. Disponível em: <<https://youtu.be/QUn0u4GeooE>>. Acesso em 21 Fev 2022.

RAMOS, J.O. **A Epopéia dos Apeninos**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1949.

RELAÇÃO DE PRACINHAS DA AMAZÔNIA DO COMANDO MILITAR DA AMAZÔNIA. Edição Comemorativa da Independência do Brasil. Portal do Comando Militar da Amazônia do Exército Brasileiro. Disponível em: <<https://bit.ly/3lyEE6Y>>. Acesso em 21 Fev 2022.

RELAÇÃO DE PRACINHAS DA AMAZÔNIA DO COMANDO MILITAR DO NORTE. Edição Comemorativa da Independência do Brasil. Portal do Comando Militar do Norte do Exército Brasileiro. Disponível em: <<https://bit.ly/3BapTUZ>>. Acesso em 21 Fev 2022.

RODRIGUES, J. A. **Terceiro Batalhão**: O Lapa Azul. 2a ed. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército. 1985.

SILVA, H.P.; SOUSA, E.V.O.; TEIXEIRA, M.R.; MENDONÇA, S.R. **Por Terra, Céu e Mar**: Histórias e Memórias da Segunda Guerra Mundial na Amazônia. Editora Paka-Tatu. Belém. 2013.

SILVEIRA, J., MITKE, T. **A Luta dos Pracinhas**. Rio de Janeiro: Record, 1984.



PRACINHA GALLIANO CEI

Diário de Campanha da Segunda Guerra Mundial



MANTENDO ACESO O CACHIMBO DA VITÓRIA!